

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS: CONFIANÇA SELETIVA E
DISCRIMINAÇÃO POR BIOTIPO EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES**

Ana Carolina Messias

São Carlos, SP

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS: CONFIANÇA SELETIVA E
DISCRIMINAÇÃO POR BIOTIPO EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES**

Ana Carolina Messias

Texto apresentado para o Exame de Defesa de Doutorado para obtenção do título de Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos.

Área de Concentração:

Comportamento e Cognição

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Débora de Hollanda Souza

Coorientadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Ana Carolina Messias, realizada em 21/02/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Débora de Hollanda Souza (UFSCar)

Profa. Dra. Airi Macias Sacco (UFPel)

Profa. Dra. Tâhcita Medrado Mizael (University of Edinburgh)

Profa. Dra. Deisy das Graças de Souza (UFSCar)

Profa. Dra. Camila Domeniconi (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Lista de Figuras

Figura 1.....	18
Figura 2.....	39
Figura 3.....	41
Figura 4.....	42
Figura 5.....	43
Figura 6.....	44
Figura 7.....	45
Figura 8.....	61
Figura 9.....	64

Lista de Tabelas

Tabela 1	52
Tabela 2	59
Tabela 3	68
Tabela 4	69
Tabela 5	71
Tabela 6	72

Sumário

Em memória	8
Agradecimentos	9
Resumo	12
Abstract.....	14
1. Apresentação	15
2. Fundamentação Teórica.....	17
Confiança seletiva.....	17
Imagem corporal e a relevância do presente trabalho	29
3. Estudo piloto.....	36
Método.....	36
Participantes.....	37
Local e materiais.....	37
Instrumentos e procedimentos	37
Escala de imagem corporal.....	39
Tarefa de atitudes em relação ao biotipo (Tillman, 2003):.....	40
Tarefa de confiança seletiva:	41
Codificação dos Dados	46
Resultados.....	48
Participante 1	48

Participante 2	49
Participante 3	49
Participante 4	50
Participante 5	50
Participante 6	51
Participante 7	52
Discussão	53
4. Estudo Experimental Transcultural	56
Método.....	57
Participantes.....	57
Local e materiais.....	57
Instrumentos	58
Escala de imagem corporal (Tiggemann & Wilson-Barrett, 1998):.....	58
Tarefa de atitudes em relação ao biotipo (Tillman, 2003):.....	58
Tarefa de confiança seletiva:	59
Codificação dos Dados	66
Resultados.....	68
Escala de imagem corporal.....	69
Tarefa de Atitudes em Relação aos Biotipos.....	70
Tarefa de Confiança Seletiva.....	71
5. Discussão Geral	74
6. Considerações Finais	82

7. Referências	84
Anexo A.....	92
Anexo B.....	97
Anexo C.....	102
Apêndice A.....	105
Apêndice B.....	107
Apêndice C.....	109
Apêndice D.....	118

Em memória

Alexandra Aparecida da Silva, minha tia querida que nos deixou cedo demais, mas me ensinou a ver a vida com mais cor...

Sebastiana Goiano Messias minha avó, que sonhava em me ver “dotôra” ...

Agradecimentos

O presente trabalho teve início num momento em que a democracia brasileira sofria duras ameaças e se estendeu até o início de uma pandemia global. Adicionalmente, por muitas vezes, a ciência acabou perdendo o lugar para informações falsas. Então nesse momento, eu não poderia deixar de expressar minha imensa gratidão à democracia que segue viva no Brasil, à ciência que nos permitiu sair do contexto pandêmico e ao movimento estudantil, que nos permitiu resistir e renovar as esperanças, mesmo nas horas mais sombrias. Também sou imensamente grata aos profissionais da saúde mental que cuidaram de mim ao longo desse período – Jair Barbosa, Vanessa Franchini Corrêa Porto e Tâmara Nascimento. Sem o cuidado de vocês e sem essa escuta especializada livre de julgamentos, eu tenho certeza que não teria concluído esse doutorado com saúde mental.

Gostaria de dedicar um agradecimento especial ao meu parceiro que esteve ao meu lado nos últimos 8 anos – Guilherme Vicentim Nardari. Ao longo desse trabalho, você foi suporte emocional, tecnológico, me ensinou sobre determinação, e me fez sorrir, mesmo quando eu achei que seria impossível. E à minha irmã, Ana Cláudia Messias, que foi atriz na construção dos estímulos do meu estudo piloto, me ensinou sobre o amor e, hoje em dia, é minha maior representação de família.

Por falar em família, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que vieram antes e depois de mim, em especial aos meus pais que me deram a vida e trilharam caminhos tortuosos, para que hoje eu consiga ter um pensamento crítico, conheça e viva em pleno contato com os meus valores! Também preciso citar minhas primas Kaely Firmino (atriz do estudo piloto) e Manoella Cristiane Salles (voz infantil do estudo piloto) que participaram diretamente desse trabalho.

Não posso deixar de agradecer à UFSCar que me forneceu um ensino gratuito de qualidade, com enfoque em pesquisa desde a graduação. Durante os anos em que esse

doutorado foi realizado, a universidade pública sofreu inúmeros ataques e é gratificante encerrar esse trabalho sabendo que esse espaço ainda resiste, produzindo conhecimento e formando pesquisadores incríveis. Dentro desse local, pude conhecer professores brilhantes e inspiradores que fizeram com que eu me apaixonasse pela psicologia e pela ciência. Dentre eles, gostaria de mencionar minha orientadora, Débora de Hollanda Souza. Sem sua orientação consistente e cuidadosa, eu não teria chegado ao final.

Esses agradecimentos também precisam se estender à CAPES/PROEX e ao programa CAPES PrInt, que financiaram essa pesquisa transcultural, permitindo que ela exista dessa forma. E ainda sobre a parte transcultural desse estudo, preciso agradecer à Universidade de Minnesota, à Melissa Koenig e ao Institute of Child Development, que me receberam, me fizeram sentir parte do laboratório e tornaram meu período de doutorado sanduíche uma experiência que eu guardarei pra sempre em minha memória. Obrigada também por me permitirem conhecer e trabalhar com minhas queridas assistentes de Pesquisa, Leyi e Pratibha. Além do laboratório estadunidense, também preciso agradecer meu querido laboratório de pesquisa no Brasil, o GPdeSol. Em especial à minha colega, Isabella Prequero, que gravou as vozes da minha tarefa de atitudes. Obrigada pelas dicas, pelas conversas de corredor que tornaram os dias pesados mais leves e pelas reuniões de grupo repletas de afeto e comprometimento. Aos meus amigos não acadêmicos, que me escutaram falar sobre esse doutorado incansavelmente nos últimos sete anos e de certa forma viveram esse período comigo, meus mais sinceros agradecimentos.

Adicionalmente, quero agradecer à Diretoria de Ensino por ter permitido a condução dessa pesquisa, à Diretora e às professoras da CEMEI em que realizei minha coleta, por terem me acolhido, se interessado pela minha pesquisa e, muitas vezes, me ajudarem a recrutar participantes. Agradeço também aos pais dos participantes pela

confiança e contribuição com a ciência. E jamais poderia deixar de agradecer às minhas queridas crianças. Vocês são a alma desse trabalho e a razão pela qual me tornei psicóloga do desenvolvimento. Por fim, agradeço a minha banca avaliadora que forneceu sugestões valiosas para a conclusão desse doutorado.

Messias, A. C. (2026). *Dois Pesos, duas medidas: Confiança seletiva e discriminação por biotipo em crianças pré-escolares*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil. 119 pp.

Resumo

As crianças não confiam indiscriminadamente quando estão diante de dois possíveis informantes. Elas selecionam o informante que consideram melhor com base em critérios que podem ser epistêmicos ou não. Considerando resultados recentes que sugerem que as crianças preferem informantes mais atraentes em tarefas de confiança seletiva, estudos investigando o papel da percepção de diferentes atributos físicos dos informantes podem trazer contribuições importantes para este campo de estudos. O presente trabalho teve como objetivo geral investigar se crianças de 3 a 5 anos utilizam o biotipo dos informantes (magro ou gordo) para confiar seletivamente em situações de aprendizagem novas. Ao longo do presente trabalho, foram realizados dois estudos: um estudo piloto e um estudo experimental transcultural com crianças brasileiras e estadunidenses. O estudo piloto foi realizado *online* com 7 crianças brasileiras ($M_{idade} = 54.9$ meses, $DP = 6.96$ meses). Esse estudo tinha como objetivo testar uma tarefa de confiança seletiva, criada para o presente trabalho (com base no paradigma clássico), com crianças brasileiras, manipulando o histórico de acertos e o biotipo de informantes. Adicionalmente, a pesquisadora estava interessada em investigar se crianças de 4 a 5 anos preferiam uma informante magra ou uma informante com um histórico de acertos, em uma situação nova de aprendizagem. A tarefa adaptada de confiança seletiva foi utilizada com um contraste entre duas potenciais informantes (uma de biotipo gordo e uma de biotipo magro). A tarefa foi apresentada em forma de vídeo para as crianças em uma plataforma de videochamada *online*. Os resultados revelaram que os participantes preferiram a informante com um histórico de acertos, independentemente do biotipo. Entretanto, nos casos em que o histórico dos informantes era igual, as crianças revelaram uma preferência pela informante de biotipo magro. Os achados desse estudo piloto também apontaram para a necessidade de algumas modificações nos procedimentos (e.g., não fornecer informações sobre o histórico de confiabilidade das informantes). Estas alterações foram incorporadas no estudo experimental subsequente realizado com 50 crianças estadunidenses ($M_{idade} = 52$ meses $DP = 6.65$ meses) e 49 crianças brasileiras ($M_{idade} = 54$ meses $DP = 10.36$ meses). Para este estudo, foram utilizadas três medidas: a tarefa modificada de confiança seletiva, um instrumento para avaliar a imagem corporal da criança e uma escala de atitudes em relação aos biotipos gordo e magro. A tarefa de confiança seletiva envolvia a apresentação de quatro objetos desconhecidos (um por tentativa) e quatro pares de informantes (um por tentativa). Dois dos pares de informantes eram do gênero feminino e dois do gênero masculino. Cada um desses pares de informantes era composto por uma pessoa magra e uma pessoa gorda. A resposta à tarefa consistia em selecionar um dos informantes de cada par apresentado para pedir ajuda com o nome do objeto em questão, além de endossar o rótulo fornecido por um deles. Os principais resultados indicaram que 61% das crianças brasileiras e 46% das crianças estadunidenses preferiram os informantes magros nas "perguntas de preferência". Da mesma forma, 51% das crianças brasileiras e 46% das crianças norte-americanas selecionaram os informantes magros nas "perguntas de nomeação". Além disso, 57,2% dos participantes brasileiros e 40% dos participantes estadunidenses demonstraram preferência pelo informante magro na "pergunta de julgamento explícito". Esses achados sugerem que as crianças dos dois países apresentaram, de forma consistente, uma preferência pelos informantes magros ao longo da tarefa de confiança seletiva, indicando um viés negativo em relação a corpos gordos

em ambas as culturas. Nenhuma associação significativa foi encontrada entre a tarefa de confiança seletiva e as medidas de atitudes e imagem corporal. No entanto, as crianças brasileiras demonstraram uma atitude menos negativa em relação a corpos gordos em comparação às crianças dos E.U.A. Além disso, foi observada uma tendência relacionada à idade, na qual crianças mais velhas apresentaram um viés negativo mais acentuado contra corpos gordos.

Palavras-chave: confiança seletiva, aprendizagem pelo testemunho, biotipo, crianças pré-escolares.

Messias, A. C. (2026). *Selective trust and body type discrimination in preschoolers*. (Thesis Defense). Graduate Program in Psychology, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brazil. 119 pp.

Abstract

Children do not trust indiscriminately when facing two possible informants; they select the one they find is the best one based on criteria that can be epistemic or not. Considering recent findings that suggest children prefer more attractive informants in selective trust tasks, studies investigating the role of perception of informants' different physical attributes may contribute to the advancement of this field of studies. The main goal of the present work was to investigate whether 3 to 5-year-olds select whom to trust based on their body type (slim or fat) in novel learning situations. The present work encompasses two studies: a pilot study and a cross-cultural experimental study with Brazilian and U.S. children. The pilot study was conducted online with 7 Brazilian children ($M= 54.9$ months, $SD = 6.96$ months). This study aimed to test the classic selective trust paradigm in Brazilian children by manipulating accuracy history and informants' body type. Additionally, the researcher was interested in investigating whether 4 and 5-year-olds prefer a slim informant or one who has been accurate in the past. An adapted Selective Trust Task contrasted two potential female informants (one with a fat body type and one with a slim body type). The task consisted in presenting a video on an online video chat platform. Results demonstrated that participants preferred the accurate informant regardless of her body type. However, when both informants had the same history of reliability, children preferred the slim informant. These findings also revealed the need for some procedure modifications (e.g., not to provide information about the informants' history). Those changes were incorporated in a subsequent experimental study conducted with 50 US children ($M= 52$ months $SD= 6.65$ months) and 49 Brazilian children ($M= 54$ months $SD= 10.36$ months). For this study, three measures were used: the modified version of the selective trust task, one instrument to assess children's body image and one scale to map children's attitudes toward the fat and slim body types. The Selective Trust Task involved the presentation of four unfamiliar objects (one per trial) and four pairs of informants (one per trial). Two pairs of informants were females, and two pairs were males. Each pair was formed by a thin and a fat person. Children should select one of the informants of each pair presented to ask for help with the name of the object, and endorse a label given by one of them. The primary findings indicated that 61% of Brazilian children and 46% of U.S. children preferred the thin informants in the "ask" trials. Similarly, 51% of Brazilian children and 46% of U.S. children selected the thin informants in the "endorse" trials. Additionally, 57.2% of Brazilian participants and 40% of U.S. participants favored the thin informant in the explicit judgment task. These results suggest that children from both countries consistently exhibited a preference for thin informants across the four selective trust trials, indicating a negative bias against fat body types in both cultures. Also, no significant associations were found between the selective trust task scores and the attitudes and body type scale results. However, Brazilian children displayed a less negative attitude toward fat body types compared to U.S. children. Furthermore, an age-related trend was observed, with older children exhibiting a stronger negative bias against fat body types.

Key-words: selective trust, testimonial learning, body type, preschoolers.

1. Apresentação

Antes de iniciar efetivamente o texto para o exame de qualificação, apresento aqui uma descrição e contextualização da minha trajetória ao longo do doutorado. O presente trabalho dá continuidade a uma linha de investigação iniciada no Mestrado sobre o papel de dicas sociais sobre o desenvolvimento da confiança seletiva (Messias, 2019). Mais especificamente, o interesse que motivou a pesquisa de Mestrado era o de testar possíveis efeitos do gênero de potenciais informantes em situações novas de aprendizagem. Será que nestas situações, em que uma criança depende do testemunho de alguém para aprender algo, ela pode utilizar como critério de decisão o gênero do informante? Por exemplo, quando dois possíveis informantes de gêneros diferentes se mostram igualmente confiáveis, em quem a criança deposita sua confiança? Os dados obtidos na pesquisa de Mestrado revelaram que, quando um informante é mais confiável que outro, as crianças brasileiras demonstram uma preferência clara por este, independentemente do seu gênero. Mas quando ambos se mostram confiáveis, há uma tendência das crianças de se identificarem e pedirem ajuda para o informante do mesmo gênero que o seu.

Na atual pesquisa, o objetivo é investigar um outro possível viés de crianças pequenas em tarefas de confiança seletiva: uma preferência por informantes de biotipo magro em detrimento de informantes de biotipo gordo. Em outras palavras, pretendia-se buscar uma resposta para a seguinte pergunta: Em uma situação nova de aprendizagem, crianças pré-escolares levam o biotipo do informante (gordo ou magro) em consideração para escolher para quem pedir ajuda?

Para responder a essa pergunta, eu inicialmente planejava realizar uma coleta de dados em um Centro Municipal de Educação Infantil. No entanto, após a obtenção das autorizações necessárias para a mesma, no início de 2020, a pandemia da COVID-19 começou e as medidas de isolamento social entraram em vigor. Logo, para a segurança

de todos os envolvidos, foram realizadas adaptações nos procedimentos para a realização de uma coleta de dados de forma remota. No entanto, o recrutamento para essa coleta *online* não obteve o engajamento esperado. A pesquisadora conseguiu realizar os procedimentos com apenas 7 crianças. Esses dados serviram, portanto, como um estudo piloto.

Em 2022, durante a realização de um Estágio de Pesquisa na Universidade de Minnesota (UMN), Estados Unidos, em discussões com a supervisora no exterior, optou-se por realizar um estudo transcultural que compararia os desempenhos de crianças brasileiras e estadunidenses, com uma versão modificada da tarefa prevista no projeto original e que havia sido utilizada no estudo piloto. As modificações são descritas em detalhe no capítulo sobre o estudo experimental. Para a realização dessa comparação, o Institute of Child Development (ICD) disponibilizou a infraestrutura da universidade (i.e., o banco de dados com participantes e assistentes de pesquisa) para a realização de uma coleta *online*. Essa coleta de dados foi realizada com 50 crianças estadunidenses de 3 a 5 anos e os dados dessa primeira parte do estudo transcultural estão descritos no Capítulo 4.

Após o retorno ao Brasil e com a suspensão das medidas de isolamento, foi possível retomar a coleta presencial em São Carlos. Essa coleta foi realizada com 49 crianças brasileiras de 3 a 5 anos. Os dados dessa segunda parte do estudo transcultural também estão descritos no Capítulo 4.

A organização do presente texto reflete esta trajetória, do projeto original até o estudo experimental que é a base da tese de doutorado. Após a discussão dos dados obtidos, há um capítulo com as considerações finais.

2. Fundamentação Teórica

Confiança seletiva

Crianças adquirem muito conhecimento sobre como o mundo funciona por meio da experiência direta. Por exemplo, elas podem aprender sobre como os animais se movimentam observando-os se movimentar. Por outro lado, crianças também podem descobrir algo sobre o mundo por meio de experiência indireta (i.e., o testemunho de outras pessoas). A aprendizagem através do testemunho é importante principalmente porque a experiência direta possui limitações. Por exemplo, uma criança não é capaz de enxergar os microrganismos vetores de doenças em suas mãos. Nesse caso, o testemunho de um adulto é necessário para que ela entenda a necessidade de lavar as mãos. Todavia, na literatura sobre o desenvolvimento infantil, já temos evidências suficientes de que, ao contrário do que é propagado em muitas culturas, crianças não acreditam de forma ingênua no testemunho de qualquer pessoa. Elas selecionam o melhor informante com base em critérios, ou seja, elas confiam de forma seletiva (Harris, 2012).

Para estudar a confiança seletiva, pesquisadores usualmente utilizam um paradigma clássico que envolve uma tarefa de nomeação de objetos. Essa tarefa tem início com uma fase de familiarização, durante a qual os informantes fornecem rótulos diferentes, podendo ser corretos ou não, para objetos conhecidos (e.g., copo, caneta, garrafa, sapato). Após a fase de familiarização, começa uma fase teste, em que os objetos a serem nomeados são desconhecidos (ver Figura 1) e cada um dos informantes fornece um rótulo diferente para o objeto (e.g., “tégo” x “danú”). Cada objeto em cada uma das fases representa uma tentativa diferente. No início de cada tentativa da fase teste, os participantes devem responder para qual informante gostariam de pedir ajuda para descobrir o nome correto do objeto. Adicionalmente, ao final de cada tentativa da fase

teste, o pesquisador pergunta aos participantes qual dos dois rótulos é o correto (e.g., Corriveau & Harris, 2009; Koenig et al., 2004; Pasquini et al., 2007; Taylor, 2013).

Figura 1

Exemplo de fase teste de uma tarefa de confiança seletiva com duas informantes sentadas, um objeto desconhecido no centro da mesa e uma pessoa em pé perguntando o nome do objeto (A foto foi retirada de um vídeo utilizado em um estudo realizado por membros do nosso grupo de pesquisa; Souza et al., 2021).



Estudos utilizando o paradigma descrito na página 12 demonstraram que crianças estadunidenses de 3 anos já são capazes de rastrear o histórico dos informantes e utilizá-lo para decidir em quem confiar. Por exemplo, Koenig et al. (2004) e Pasquini et al. (2007) contrastaram um informante com histórico de acertos e um informante com um histórico de erros durante a fase de familiarização. A maior parte das crianças de 3 e 4 anos foram capazes de identificar o informante acurado e essas também endossaram os rótulos fornecidos por eles na maior parte das tentativas da fase teste. No entanto, quando o contraste foi entre um informante com um histórico de erros e um informante que alegava não saber as respostas, os resultados demonstraram que crianças de 3 e 4 anos endossavam os rótulos dos objetos fornecidos pelo segundo, na maior parte das tentativas (Kushnir & Koenig, 2017).

Em uma direção semelhante, Li e Yow (2018), pesquisadores de Singapura, que apresentaram, durante a fase de familiarização, um único informante rotulando objetos

conhecidos incorretamente para os participantes alocados na Condição “inacurado” (“*inaccurate*”) e corretamente para os participantes alocados na Condição “acurado” (“*accurate*”). Os mesmos participantes de 3 e 4 anos foram então questionados sobre o nome de objetos híbridos (i.e., objetos com características de dois objetos distintos). Em seguida, os pesquisadores apresentaram um único informante fornecendo um rótulo diferente do fornecido pelas crianças, mas que era um nome alternativo possível. Isto é, diante de um objeto com características de carro e sapato, se a criança respondesse carro, o informante rotularia como sapato e vice-versa. Quando o informante possuía um histórico de acertos durante a fase de familiarização, as crianças preferiam revisar sua crença inicial e alterar a sua resposta para a mesma que a do informante.

Embora as tarefas de nomeação de objetos sejam as mais comuns em pesquisas sobre confiança seletiva, também existem outros tipos de tarefas. Por exemplo, Butler et al. (2018) investigaram a confiança seletiva de 120 crianças estadunidenses de 3 a 7 anos. O pesquisador apresentou aos participantes vídeos de três informantes (i.e., fantoches) afirmando onde um objeto estava escondido, sendo que havia três possibilidades (i.e., três caixas). O primeiro informante afirmava onde o objeto estava após olhar o interior de apenas uma das caixas; o segundo respondia após verificar duas caixas, e por fim, o terceiro informava a localização do objeto após olhar dentro de todas as caixas. Os participantes então responderam a três perguntas (a) se era aceitável ou não que o fantoche em questão afirmasse o que havia dentro das caixas, (b) quão aceitável era a afirmação utilizando uma escala Likert de 6 pontos, e (c) porque ou não essa afirmação era aceitável. Os participantes demonstraram maior aceitação pela afirmação do informante que verificou todas as caixas.

Em uma outra direção, quando questionadas sobre quem saberia melhor como consertar um pneu furado - um mecânico, ou um médico, crianças estadunidenses de 3

anos responderam “mecânico”, o que sugere um entendimento sobre conhecimentos atrelados a diferentes profissões (Lutz & Kiel, 2002). Considerando essa habilidade de crianças estadunidenses muito pequenas, Koenig e Jaswal (2011) investigaram se elas utilizam seu conhecimento sobre a profissão/ especialidade dos informantes como critério para confiar seletivamente em tarefas nas quais os conhecimentos atribuídos aos informantes eram requeridos. Inicialmente, os participantes foram apresentados a dois informantes – um especialista em cachorros e o outro não. Posteriormente, essas crianças deveriam escolher um informante para auxiliá-las em uma tarefa de nomeação, e eram solicitadas a endossar o rótulo dito por um deles. As crianças demonstraram uma preferência clara pelo especialista em cachorros, mas apenas em situações que envolviam nomear esses animais. Adicionalmente, quando um informante demonstrava não saber sobre algum assunto (e.g., cachorros), as crianças assumiam que ele também não sabia nada sobre outros assuntos. Em outras palavras, as crianças generalizaram a ignorância, mas não a especialidade dos informantes.

Todos esses estudos revelam que, muitas vezes, crianças recorrem a critérios epistêmicos para decidir em quem confiar. Ou seja, elas recorrem a critérios relacionados ao nível de conhecimento dos informantes. Porém, muitas vezes, crianças podem selecionar informantes com base em critérios sociais, não necessariamente relacionados à competência intelectual deles. Um exemplo desse tipo de pesquisa foi o estudo de Corriveau e Harris (2009). Esses pesquisadores recrutaram crianças estadunidenses em duas escolas diferentes e apresentaram vídeos de dois professores (i.e., um de cada escola) rotulando e demonstrando a função de objetos desconhecidos. Os resultados revelaram que, quando diante de seu próprio professor e de um professor desconhecido, crianças de 3, 4 e 5 anos selecionavam aquele com o qual possuíam maior familiaridade para perguntar e endossar as informações fornecidas acerca dos objetos desconhecidos.

Entretanto, após acessarem o histórico desses professores, crianças de 4 e 5 anos preferiram o informante com um histórico de acertos (i.e., forneceu rótulos acurados para os quatro objetos, por exemplo, dizia que uma escova era uma escova e assim por diante) independentemente da familiaridade com eles. Ao mesmo tempo, as crianças de 3 anos mantinham sua preferência pelo professor conhecido, apesar do histórico de erros (i.e., não forneceu rótulos acurados para os quatro objetos, por exemplo, dizia que uma escova era um prato e assim por diante).

Além da familiaridade com o informante, os pré-escolares também consideram a faixa etária um critério importante para selecionar o melhor informante. Jaswal e Neely (2006), por exemplo, recrutaram 58 crianças estadunidenses de 3 e 4 anos e apresentaram a elas vídeos com uma informante criança e uma informante adulta nomeando objetos. Nas condições em que a informante adulta, ou ambas possuíam um histórico de acertos, os participantes endossaram os rótulos fornecidos pela informante adulta. Entretanto, na condição em que a informante adulta possuía um histórico de erros e a criança um histórico de acertos, os participantes selecionaram a segunda. Por fim, quando ambas as informantes apresentaram um histórico de erros durante a fase de familiarização, as crianças se mostraram ambivalentes. Isto é, ora escolhiam a adulta, ora escolhiam a criança, sendo que quatro participantes insistiram em dizer que não endossariam as afirmações de nenhuma delas.

Entretanto, quando o assunto é brinquedo, crianças estadunidenses de 3, 4 e 5 anos acreditam que outras crianças (i.e., pares) terão mais conhecimento quando comparadas com informantes adultos. Isso é o que VanderBorgh e Jaswal (2009) demonstraram em um estudo realizado com 65 crianças estadunidenses. Os pesquisadores apresentaram dois bonecos neutros em gênero (i.e., um descrito como adulto e um descrito como criança) aos participantes e, em seguida, fizeram perguntas acerca de comidas e brinquedos

desconhecidos. O conteúdo das perguntas sobre comida era “Quem saberia porque essa comida faz bem/ o que essa comida ajuda a fazer?”. Já o conteúdo das perguntas sobre brinquedos era “Quem poderia saber onde/ como brincar com esse brinquedo?”. Entretanto, Rakoczy et al. (2010) descobriram que, em uma tarefa com dois informantes (i.e., um adulto e uma criança) demonstrando de formas distintas como jogar um novo jogo, a maioria dos participantes de 3 e 4 anos (i.e., crianças alemãs) imitava as ações realizadas pelo adulto e ainda protestavam quando uma terceira criança imitava as ações realizadas pela informante criança.

Adicionalmente, os valores morais dos informantes também são componentes utilizados por crianças pré-escolares ao decidir em quem confiar em situações de aprendizagem novas. Alguns estudos têm demonstrado, por exemplo, que crianças pré-escolares associam comportamentos pró-sociais, honestidade e benevolência à confiança. A benevolência inclusive pode receber um maior peso do que um histórico confiável (Doebel & Koenig, 2013; Landrum, Mills, & Johnston, 2013; Li et al., 2014).

Por exemplo, Doebel e Koenig (2013) descobriram que o comportamento moral de informantes influencia a confiança seletiva de crianças estadunidenses de 3 a 5 anos. Essas pesquisadoras distribuíram 159 crianças em duas condições. A primeira condição foi chamada de “Condição imoral” e nela uma das informantes se comportava de maneira antissocial (e.g., rasgava o desenho de seu par), enquanto a outra informante se comportava de forma neutra (e.g., não emitia um comportamento direcionado a um par). Já na segunda condição, a “Condição moral”, uma das informantes emitia comportamentos pró-sociais (e.g., ajudar o seu par a colar um desenho que foi acidentalmente rasgado), enquanto a outra informante também se comportava de forma neutra. Os participantes precisavam então selecionar um informante para pedir ajuda para aprender sobre o nome de um objeto, ou alguma regra de comportamento, a depender da

condição. Os resultados demonstraram que, na primeira condição, as crianças preferiam aprender com a informante neutra e na segunda condição, com a informante pró-social. Entretanto, a preferência pela informante neutra na primeira condição foi mais saliente, em comparação com a preferência pela informante pró-social, na segunda condição.

Li et al. (2014), por sua vez, investigaram se crianças consideram a honestidade uma característica relevante ao confiar seletivamente. Mais especificamente, se em situações de aprendizagem novas, crianças atribuem um maior peso a essa característica do que a outras características menos relevantes para a confiança (e.g., se o informante é limpo ou não). Para tanto, os pesquisadores recrutaram 496 crianças chinesas ao longo de cinco estudos, sendo que, no estudo 1, as idades dos participantes eram 3 e 4 anos; nos estudos 2, 3 e 4, as idades eram 3, 4, e 5 anos; e no estudo 5, as idades eram 4 e 5 anos.

No primeiro estudo, os experimentadores contrastaram um informante descrito como honesto e um descrito como desonesto. No segundo estudo, o contraste foi entre um informante descrito como honesto e um informante descrito como limpo. No terceiro estudo, o contraste foi entre um informante desonesto e um informante sujo. No quarto estudo, o contraste também foi entre um informante honesto e um informante limpo, no entanto, esse estudo possuía duas condições (i.e., em uma delas, um professor exaltava o personagem honesto e na outra, o personagem limpo). Por fim, o quinto estudo contrastou um informante honesto e sujo com um informante desonesto e limpo e o professor não exaltava nenhum informante, apenas oferecia água ao participante questão.

Os resultados do Estudo 1 revelaram que as crianças de 4 e 5 anos demonstraram uma preferência pelo informante honesto, quando ele foi contrastado com um desonesto. No entanto, quando o contraste era entre honestidade e limpeza (i.e., Estudo 2), apenas as crianças de 5 anos valorizaram mais a honestidade. Quando esse contraste foi entre um informante desonesto e um informante sujo (i.e., Estudo 3), novamente apenas as crianças

de 5 anos preferiram o informante sujo. Os resultados do Estudo 4, por sua vez, revelaram que as crianças de 5 anos confiaram sistematicamente no informante honesto independentemente da condição, já as crianças de 4 anos preferiram o informante honesto na condição em que o professor o exaltava e responderam ao acaso na outra condição. Já os resultados do estudo 5 revelaram uma preferência clara das crianças de 5 anos pelo informante honesto e sujo, enquanto as crianças de 4 anos responderam ao acaso. Por fim, as crianças de 3 anos responderam ao acaso em todos os estudos realizados com essa faixa etária.

Landrum et al.(2013), por sua vez, realizaram três experimentos com os objetivos de: a) determinar se crianças estadunidenses de 3 a 5 anos utilizam informações acerca da especialidade dos informantes (i.e., especialista em bicicletas, ou especialista em águias) para escolher entre eles, em situações de aprendizagem que envolviam informações sobre veículos e pássaros; b) determinar qual característica crianças de 3, 4 e 5 anos preferem utilizar para embasar suas decisões sobre em quem confiar - especialidade no assunto ou benevolência. Os resultados do primeiro experimento revelaram que as crianças de 4 e 5 anos tanto endossaram, quanto atribuíram conhecimento ao especialista relevante. Porém, as crianças de 3 anos atribuíram conhecimento, mas não endossaram o especialista relevante. Os resultados do segundo e do terceiro experimento indicaram uma preferência clara das crianças pelo informante descrito como benevolente, ainda que esse informante tenha sido descrito como ignorante no assunto em questão.

O grupo social ao qual a criança pertence também é uma característica relevante ao selecionar um informante em potencial. Isto é, crianças estadunidenses apresentam um viés que favorece pessoas pertencentes ao mesmo grupo que o dela. Por exemplo, Li e Koenig (2022) alocaram 100 participantes de 4 e 5 anos em um grupo chamado “grupo

azul” sob a falsa justificativa de que o grupo era compatível com as preferências pessoais das crianças. As pesquisadoras descobriram que as crianças que foram submetidas a uma condição de exclusão prévia preferiram confiar seletivamente em um membro do próprio grupo, ou seja, do grupo azul. Adicionalmente, quando crenças prévias das crianças eram contrariadas pelos informantes, elas apenas as revisavam se o informante pertencesse ao grupo azul.

Ainda sobre preferência por informantes do mesmo grupo, um estudo realizado por Kinzler, Corriveau e Harris (2011) revelou que crianças estadunidenses de 4 e 5 anos preferem informantes que possuem o mesmo sotaque. Os pesquisadores contrastaram duas informantes - uma delas falava inglês com sotaque estadunidense (i.e., falante nativa) e a outra falava inglês com um sotaque hispânico. As crianças então deveriam escolher com quem aprender sobre a função de novos objetos e endossar as afirmações de uma das informantes. Os resultados demonstraram uma preferência clara de crianças estadunidenses pela informante que falava com sotaque estadunidense.

Myers-Burg e Behrend (2021), por sua vez, descobriram que o tipo de vocabulário do informante também influencia o julgamento das crianças. Nesse estudo, os participantes (crianças estadunidenses de 4 a 7 anos) observaram dois informantes, que eram também crianças, nomeando objetos ao longo de tentativas de familiarização. Ao longo dessas tentativas, um dos informantes utilizava um rótulo tipicamente estadunidense para banheiro (e.g., *toilet*), enquanto o outro utilizava um rótulo tipicamente britânico (e.g., *loo*). Os principais resultados demonstraram que as crianças privilegiavam o informante que utilizou rótulos estadunidenses tanto para solicitar ajuda numa tarefa de nomeação de objetos, quanto para brincar. Numa direção semelhante, McDonald e Ma (2016) também estavam interessadas em investigar possíveis vieses de crianças canadenses pequenas em favor do próprio grupo (raça e sotaque). Para tanto,

realizaram dois experimentos, em que um objeto era escondido e os informantes emitiam um falso testemunho sobre onde estava o objeto. Os resultados revelaram que as crianças de 4 anos preferiam confiar no falso testemunho de um informante da mesma raça e sotaque para encontrar um objeto escondido, ainda que o testemunho do informante contrariasse a sua experiência direta.

Alguns estudos também revelaram que o gênero do informante constitui um importante elemento na confiança seletiva de crianças, especialmente quando se trata de preferência pelo próprio grupo social. Estudos realizados no Brasil, Estados Unidos, Canadá e Europa revelaram que crianças de 3 a 6 anos preferem um informante com histórico de acertos, independentemente do gênero. No entanto, quando essas mesmas crianças não possuem acesso ao histórico dos informantes, ou quando o histórico dos dois é o mesmo, elas apresentam uma preferência clara por informantes do mesmo gênero (Ma & Wooley, 2013; Messias, 2019; Taylor, 2013; Terrier et al., 2016).

O estudo realizado no Brasil que investigou os efeitos do gênero na confiança seletiva de crianças pré-escolares é o trabalho de mestrado anterior a essa tese de doutorado. A pesquisadora contrastou dois informantes (i.e., um do gênero feminino e um do gênero masculino) nomeando objetos conhecidos ao longo de quatro tentativas de familiarização e desconhecidos ao longo de quatro tentativas teste. Os participantes foram distribuídos em quatro condições diferentes. Na primeira condição, as crianças assistiam à informante do gênero feminino rotulando os objetos de familiarização corretamente e o informante do gênero masculino rotulando-os incorretamente. Na segunda condição, era o contrário, o informante do gênero masculino fornecia rótulos corretos para todos os objetos e a informante do gênero feminino errava todas as vezes. Na terceira condição ambos os informantes ofereciam rótulos diferentes, porém corretos e na quarta, ambos cometiam erros ao longo das tentativas teste. Os principais resultados revelaram que

crianças de 3 e 4 anos preferiam o informante com um histórico de acertos. Porém, quando os informantes tinham o mesmo histórico, a preferência era pelo informante do mesmo gênero. Isto é, as meninas escolhiam a informante do gênero feminino e os meninos o informante do gênero masculino.

Por fim, crianças também levam em consideração as características físicas dos informantes, como a aparência facial, atratividade, força, biotipo e a presença ou ausência de deficiência (Bascandziev & Harris, 2014; Bascandziev & Harris, 2016; Fusaro et al., 2011; Jaffer & Ma, 2015; Palmquist et al., 2020; Tang et al., 2019;).

Por exemplo, Palmquist et al. (2020) tinham como objetivo investigar se crianças estadunidenses de 4 e 5 anos associavam conhecimento a alguns tipos de faces. Para isso, distribuíram 64 crianças em duas condições distintas. A condição “Competência” contrastava a face de um informante previamente associada com competência e a face de um informante previamente associada com incompetência. Na condição “Confiança”, foram contrastadas uma face previamente associada com confiança e outra associada com a ausência dela. Os resultados revelaram que crianças confiam seletivamente de acordo com a aparência facial, mais especificamente, elas associam faces confiáveis com conhecimento, mas não o fazem com faces competentes.

Em uma direção semelhante, a adequação de potenciais informantes aos padrões de beleza disseminados pela cultura também constitui um critério utilizado por crianças para embasar suas decisões. Bascandziev e Harris (2014) realizaram um estudo contrastando duas informantes, sendo que uma delas foi previamente julgada atraente e a outra não. Nessa pesquisa, crianças estadunidenses de 5 anos preferiram o auxílio de informantes atraentes para rotular objetos desconhecidos. Esses pesquisadores também exploraram o contraponto entre beleza e histórico de confiabilidade. Em uma de suas condições, crianças de 4 e 5 anos poderiam selecionar uma informante atraente com

histórico de cometer erros, ou uma informante pouco atraente com um histórico de acertos. Mesmo sendo capazes de rastrear o histórico das informantes, as crianças privilegiaram as atraentes (Bascandziev & Harris, 2016). Nesse caso, contrariando a previsão dos próprios autores, a preferência por um critério social superou a preferência por um critério epistêmico, revelando uma valorização dos padrões de beleza já na pré-escola.

Essa preferência por informantes mais atraentes também pôde ser observada em crianças não ocidentais. Crianças chinesas também demonstram uma preferência por informantes previamente avaliadas como mais atraentes (Tang et al., 2019). Entretanto, nesse último estudo, em resposta a perguntas que envolviam endossar o rótulo dito por uma das informantes, em uma condição em que uma informante obteve mais acertos que a outra, as crianças preferiram a menos atraente com um histórico de acertos, em detrimento da mais atraente com um histórico de erros.

Além da aparência facial e atratividade, o corpo dos informantes também constitui uma característica física valorizada por crianças pré-escolares ao decidir o melhor informante, seja por atender padrões estéticos ou padrões de funcionalidade. Jaffer e Ma (2015), por exemplo, descobriram que diante de um informante magro e sem deficiência e um informante obeso/com deficiência, crianças canadenses de 4 e 5 anos selecionaram os magros e sem deficiência para aprender informações novas, fossem essas informações sobre atividades físicas ou não. Em uma direção semelhante, Fusaro, Corriveau e Harris (2011) contrastam um informante com força física e outro sem força física. Os resultados revelaram que crianças de 3 e 4 anos preferiram o informante com força física tanto em uma tarefa que envolvia a nomeação de objetos, quanto em uma tarefa que envolvia adivinhar quem foi capaz de levantar um objeto. Adicionalmente, os participantes previram que o informante mais forte seria mais competente em tarefas como saber o que

animais comem e dividir biscoitos. Por fim, os informantes mais fortes foram classificados pelas crianças como “mais fortes”, “mais legais” e “mais inteligentes”.

Imagem corporal e a relevância do presente trabalho

Como pôde ser observado na seção anterior, o formato do corpo dos informantes pode ser uma característica relevante para crianças pré-escolares quando se trata de escolher em quem confiar (Fusaro et al. 2011; Ma & Jaffer, 2015). A sociedade possui um conjunto de normas acerca de como as pessoas devem ser para serem consideradas atraentes. Esses padrões de beleza usualmente são divulgados pelas mídias (e.g., televisão, revistas, jornais, blogs, sites, redes sociais) e podem sofrer alterações a depender da cultura e época. Nos dias atuais, o movimento “Body Positivity” tem muitos adeptos, no entanto, há evidências de muitas mensagens nas mídias sociais contraditórias: ao mesmo tempo que defendem o movimento, divulgam mensagens sobre como perder peso (Lazuka et al., 2020). Como pessoas com o biotipo gordo não se enquadram dentro do padrão de beleza tipicamente valorizado nas mídias, elas ainda são consideradas pouco atraentes (Neumark-Sztainer et al., 2009; Neumark-Sztainer, 2012, p. 182).

Considerando todos esses fatores, a partir de que idade as crianças começam a se preocupar com o formato do próprio corpo? Mais especificamente, a partir de qual idade um biotipo alinhado com os padrões sociais/culturais de beleza passa a ser percebido e valorizado por crianças? Existem diferenças de gênero nessa percepção e valorização? E principalmente, será que o biotipo de um potencial informante em uma situação nova de aprendizagem pode influenciar a confiança seletiva de crianças?

Para responder a essas perguntas, é necessário primeiro fornecer uma definição de imagem corporal. De acordo com o modelo cognitivo-comportamental,

avaliação da imagem corporal refere-se à satisfação, ou insatisfação de um indivíduo com o seu próprio corpo e as crenças avaliativas dele sobre isso.

Investimento em imagem corporal, por sua vez, refere-se à importância cognitiva, comportamental e emocional do corpo na autoavaliação de um indivíduo (Cash, 2012, p. 39).

Segundo Smolak (2012), o desenvolvimento da imagem corporal em crianças é marcado por três momentos importantes. A partir dos 4 anos, as crianças começam a se comparar com os colegas. Nessa idade, há uma maior preocupação com as roupas e os cabelos, especialmente por parte das meninas. Aos 5 anos, as crianças começam a expressar um desejo por serem mais altas. Aos 6 anos, por sua vez, os incômodos começam a ficar parecidos com os dos adultos e envolvem uma grande preocupação com o peso e com o formato do próprio corpo. Em relação aos corpos das outras pessoas, alguns estudos demonstraram que crianças de 3 anos já apresentam atitudes positivas em relação a pessoas magras e atitudes negativas em relação a pessoas gordas (de Oliveira Souza et al., 2020; Su & Aurelia, 2012).

Su e Aurelia (2012) apresentaram quatro histórias para crianças de 2 a 5 anos, sendo que duas das quatro histórias eram sobre situações realistas e duas sobre situações fantasiosas. Adicionalmente, duas histórias possuíam personagens do gênero masculino e duas, personagens do gênero feminino. Em cada história, um dos personagens se comportava de forma pró-social (e.g., permitia que o colega realizasse uma atividade de lazer primeiro) e o outro de forma antissocial (e.g., não permitia que o colega realizasse uma atividade de lazer). Ao final de cada história, os participantes (i.e., crianças canadenses) deveriam selecionar dentre duas silhuetas (i.e., uma magra e uma gorda), compatíveis com o gênero dos personagens de cada história, qual era a criança com um comportamento antissocial (i.e., maldosa) e qual era a criança com um comportamento pró-social (i.e., bondosa). As silhuetas gordas foram consideradas como o personagem maldoso na grande maioria das vezes.

Em uma direção semelhante, dados de um estudo brasileiro revelaram que crianças de 6 a 9 anos preferem selecionar pares do mesmo gênero para fazer parte do seu time em um jogo de queimada (de Oliveira Souza et al., 2020). No entanto, quando as únicas opções são colegas de um gênero diferente, o critério utilizado é o biotipo. Ou seja, crianças privilegiam pares com um corpo magro em uma situação de competição esportiva.

Quando pensamos no que pode contribuir para o viés negativo das crianças em relação a corpos gordos, as formas de entretenimento (e.g., brinquedos e programas de televisão) vêm imediatamente à cabeça. Dohnt e Tiggemann (2006) realizaram um estudo longitudinal com meninas de 5 a 8 anos. As pesquisadoras entrevistaram as crianças participantes duas vezes ao longo de um ano e descobriram que não apenas a mídia, como também os pares enfatizavam um ideal de magreza que possui efeitos na imagem corporal e na autoestima dessas meninas (Dohnt & Tiggemann, 2006).

Considerando esses dados, Hayes & Tantleff-Dunn (2010) estavam interessadas em investigar os efeitos da exposição de meninas de 3 a 6 anos a conteúdos com temas relacionados à aparência dos personagens (e.g., troca de roupas para ressaltar a beleza de Cinderela). Para isso, as pesquisadoras distribuíram as participantes em um grupo controle (i.e., exposição a conteúdos não relacionados com aparência) e um grupo experimental (i.e., exposição a conteúdos sobre aparência). Os principais resultados demonstraram que não houve diferenças significativas entre os dois grupos, tanto em relação à insatisfação corporal, quanto em relação ao engajamento em comportamentos relacionados à aparência. Ou seja, não houve efeitos significativos da exposição a conteúdos relacionados a aparência na imagem corporal das crianças. Entretanto, um terço das meninas afirmou que mudaria algo na própria aparência e metade delas relatou ter medo de engordar.

É importante lembrar que as formas de entretenimento também podem variar de acordo com o gênero da criança. Usualmente, meninas brincam com bonecas tipo Barbie e assistem a conteúdos envolvendo a própria Barbie, ou princesas da Disney. Os meninos, por sua vez, usualmente brincam com bonecos tipo Max Steel e assistem a conteúdos com super-heróis (Cherney & London, 2006; Oliver & Green, 2001). Essas diferenças podem ter efeitos sobre o tipo de corpo que as crianças passam a desejar. Por exemplo, meninas relatam maior desejo por corpos magros e meninos por corpos musculosos. Ou seja, as meninas recebem mais incentivos para ter características estéticas dentro do padrão cultural, enquanto os meninos recebem incentivos para terem características funcionais (Smolak, 2012).

Um estudo que exemplifica essa diferença de gênero é o de Tatangelo e Ricciardelli (2013). As autoras realizaram entrevistas semiestruturadas e grupos focais com 68 crianças de 8 a 10 anos, para compreender melhor ideais corporais masculinos pré-adolescentes e compará-los com os femininos. Dentre as crianças, 36 participaram das entrevistas individuais e 32 dos grupos focais. Tanto meninos quanto meninas demonstraram valorizar um biotipo magro, porém os meninos também revelaram o desejo por músculos. Os pré-adolescentes também ressaltaram o quanto essa característica está associada a habilidades nos esportes e conseqüentemente, com a aceitação por parte dos pares. Adicionalmente, enquanto as meninas identificavam cantoras e atrizes como celebridades favoritas, os meninos indicaram atletas.

Dittmar et al. (2006), por sua vez, estavam interessadas em investigar os efeitos da exposição a diferentes formas de entretenimento na imagem corporal de crianças do gênero feminino. Para tanto, as pesquisadoras inglesas contaram uma história e mostraram imagens em um livro para 162 meninas de 5 a 8 anos. Um terço das meninas observou um livro com figuras de bonecas Barbie, um terço observou um livro com

figuras de uma boneca que não tinha o corpo magro e o último terço observou um livro com imagens que não continham bonecas. As meninas de 5 a 7 anos que observaram o livro com figuras da Barbie apresentaram níveis mais baixos de autoestima, relataram maior insatisfação com seus corpos e um maior desejo por serem mais magras.

Worobey & Worobey (2014) investigaram os vieses de crianças de 3 a 5 anos em relação a três bonecas Barbie com biotipos diferentes (i.e., magro, intermediário e gordo) criadas especificamente para o estudo. Os pesquisadores recrutaram 40 crianças do gênero feminino e solicitaram que elas atribuíssem adjetivos (e.g., inteligente, feliz, “come muito”, cansada) às bonecas. Os principais resultados revelaram que as crianças atribuíram os adjetivos positivos às bonecas com o biotipo magro e intermediário, enquanto a boneca com o biotipo gordo foi a mais citada como detentora dos adjetivos negativos.

Rice et al. (2016), por sua vez, também estavam interessadas nos efeitos da exposição a bonecas Barbie em meninas de 5 a 8 anos. Mais especificamente, se o tipo de exposição (i.e., manipulação ou observação; boneca física ou figura impressa) teria alguma influência na internalização de um ideal de magreza, na autoestima, e insatisfação corporal. As autoras descobriram que, de maneira geral, a exposição a bonecas Barbie está relacionada a uma preferência por corpos magros, embora não tenha efeitos imediatos na imagem corporal.

Por fim, na literatura sobre o desenvolvimento da confiança seletiva, é importante destacar os dois estudos de Jaffer e Ma (2015). No primeiro, as pesquisadoras investigaram se 47 crianças de 4 e 5 anos endossariam o testemunho de um informante com alguma limitação física (i.e., obesidade ou deficiência física) versus um informante magro e sem deficiência. As pesquisadoras então contrastaram fotos de duas pessoas, sendo uma delas Pessoa com Deficiência (PCD) (i.e., cadeira de rodas ou sem os dois

braços) ou obesa e a outra magra e sem deficiência. A cada tentativa, os dois informantes contrastados eram do mesmo gênero e forneciam informações sobre fatos e atividades físicas. Os resultados demonstraram que as crianças preferiram informantes não obesos e sem deficiência tanto para as atividades que envolvem conhecimento quanto para as atividades físicas.

No segundo estudo, essas autoras investigaram se crianças preferem informantes magros e sem deficiência, ou informantes com um histórico confiável. Para isso, contrastaram dois informantes ao longo de cada tentativa, sendo que um deles era magro e sem deficiência, mas com um histórico de erros e o outro possuía alguma limitação física (e.g., obesidade ou deficiência) e um histórico de acertos. Os resultados revelaram que as crianças não apresentaram um padrão de preferência claro por nenhuma das duas categorias de informantes. O conjunto dessas evidências parece sugerir, portanto, que o histórico de confiabilidade pode reduzir o viés contrário às pessoas obesas, ou com deficiência.

Estes dois estudos serviram como uma base importante para o presente trabalho. No entanto, há diferenças importantes que precisam ser destacadas: no presente trabalho, o enfoque é no biotipo dos informantes exclusivamente, ou seja, não incluímos informantes que apresentavam deficiência; uma medida de imagem corporal dos participantes foi incluída para que fosse possível testar uma possível diferença entre participantes de biotipo magro e de biotipo gordo nos seus julgamentos de confiança; Também foi incluída uma medida de atitudes dos participantes em relação ao biotipo de outras crianças; e um grupo de crianças mais novas (3 anos); e, por fim, fizemos uma comparação transcultural entre crianças brasileiras e estadunidenses.

O campo de estudos sobre confiança seletiva ainda é muito recente, especialmente no Brasil. Adicionalmente, existem poucos estudos na ciência psicológica sobre o viés de

pré-escolares em relação ao biotipo das pessoas. Logo, o presente trabalho pode se somar a esse corpo de conhecimentos preenchendo algumas lacunas existentes, sendo que a principal delas é a comparação de crianças brasileiras com crianças estadunidenses. Uma revisão sistemática de estudos sobre confiança seletiva, publicados entre 2008 e 2018, revelou a existência de apenas três estudos transculturais, sendo que nenhum deles apresentava uma comparação com crianças latino-americanas (Souza & Messias, 2020).

Além de explorar possíveis vieses de crianças muito pequenas em seus julgamentos de confiança, a presente pesquisa tem o potencial de contribuir para pesquisas futuras e/ou programas de intervenção voltados para minimizar os estigmas em relação às pessoas gordas e todas as possíveis consequências desses estigmas (e.g., imagem corporal negativa, baixa autoestima, comportamentos pouco saudáveis para controle de peso e depressão) (Latner & Wilson, 2012, p.180).

A seguir, dados de um primeiro estudo piloto, realizado apenas com crianças brasileiras, será apresentado e, na sequência, dados do estudo experimental transcultural com crianças estadunidenses (n= 50) e brasileiras (n=49).

3. Estudo piloto

O objetivo principal do estudo piloto foi testar uma versão da tarefa de confiança seletiva utilizada no estudo que foi a base da minha dissertação de Mestrado (Messias, 2019), com a diferença de que os potenciais informantes eram do mesmo gênero, mas tinham biotipos diferentes, um magro e o outro gordo. O segundo objetivo geral foi testar e identificar os efeitos do biotipo e do histórico de informantes em julgamentos seletivos de crianças pequenas durante situações de aprendizagem novas.

Pesquisas realizadas com crianças em idade pré-escolar revelaram que elas possuem um viés negativo em relação a corpos gordos (de Oliveira Souza et al., 2019; Jaffer e Ma, 2015; Su & Aurelia, 2012). Com base nesses estudos, a hipótese era a de que as crianças demonstrariam uma preferência pela informante com um biotipo magro, independentemente do seu histórico.

Método

A presente pesquisa foi planejada para ser aplicada presencialmente. Ou seja, o recrutamento e as sessões experimentais deveriam ser realizados em Centros Municipais e de Educação Infantil (CEMEIs), durante o período letivo. O Comitê de Ética da UFSCar aprovou a pesquisa no final de 2019. No entanto, em função da pandemia Covid-19 e da adoção das medidas de isolamento social no início de 2020, foi preciso adaptar as tarefas para serem aplicadas de forma remota via *Google Meet*. Um pedido de emenda foi enviado ao Comitê de Ética da UFSCar, solicitando a permissão para realizar a coleta de forma remota. Após a aprovação no início de 2021, o estudo piloto *online* teve início.

Participantes

Participaram deste estudo sete crianças, três meninas e quatro meninos, com idades entre 4 anos e 6 anos ($M= 54,9$ meses; $DP= 7$ meses), recrutadas *online* por meio de redes sociais. Os participantes eram crianças de desenvolvimento típico, sendo que seis delas eram residentes na região Sudeste do Brasil e uma delas na região Nordeste.

Local e materiais

Os dados da pesquisa foram coletados pela plataforma *Google Meet*. O *link* da reunião *online* era disponibilizado para os pais por e-mail ou pelo aplicativo *WhatsApp*. Os responsáveis ficavam com as crianças durante as sessões experimentais, auxiliando no manejo do dispositivo eletrônico escolhido (i.e., celular, tablet, computador). Adicionalmente, muitas vezes, quando a criança preferia apontar para a tela ao invés de falar, os cuidadores também informavam à pesquisadora sobre para onde as crianças estavam apontando.

Os materiais utilizados pela pesquisadora foram um computador portátil para a apresentação das tarefas apoiado sobre uma mesa, caneta e folhas de registro para as respostas das crianças.

Instrumentos e procedimentos

Após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos e a aprovação da emenda (CAAEE 28447120.8.0000.5504; Anexo A, a pesquisadora publicou um vídeo e um formulário (i.e., Google Forms Online) de manifestação de interesse em grupos das mídias sociais (i.e., WhatsApp, Facebook e Instagram) se apresentando, explicando a pesquisa e convidando os responsáveis por crianças na faixa etária pretendida para participarem da pesquisa (Messias, 2021). As pessoas então podiam manifestar seu interesse preenchendo os formulários e com esses dados, a pesquisadora

entrava em contato com os responsáveis, enviando um novo formulário com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e agendando um horário para a coleta de dados. Nesse contato, a pesquisadora enviava dois materiais diferentes: a) Um vídeo curto (30 segundos) para que os cuidadores mostrassem à criança antes da sessão experimental, no qual a pesquisadora se apresentava e convidava a criança para participar, como forma de estabelecer um rapport; b) Uma mensagem com as seguintes instruções para os pais:

- “1. Aguarde receber o link do aplicativo e clique nele para começar a pesquisa.
2. Se possível, escolha um ambiente iluminado, com lugar para a criança sentar e uma mesa, ou suporte plano para apoiar o celular, notebook, ou tablet, de forma segura e estável.
3. Se houver itens que possam chamar muito a atenção da criança (ex: televisão ligada ou brinquedos coloridos), é interessante retirá-los de perto ou desligá-los, para que a criança não se distraia.
4. Por fim, é muito importante que as respostas da criança não sejam corrigidas, ou interrompidas pelo responsável. Não existem respostas certas e eu estou muito interessada em tudo o que seu filho tem para me dizer.”

Em seguida, após a autorização dos responsáveis registrada e armazenada no *Google Forms Online* e o assentimento das crianças registrado e armazenado em vídeo (i.e., Gravação do *Google Meet*), a coleta era iniciada. A coleta de dados se deu em três partes, nessa ordem: Escala de imagem corporal, tarefa de atitudes em relação aos biotipos, e por fim, a tarefa de confiança seletiva. A pesquisadora compartilhava a tela do seu computador com os participantes e cuidadores nas plataformas de chamadas de vídeo

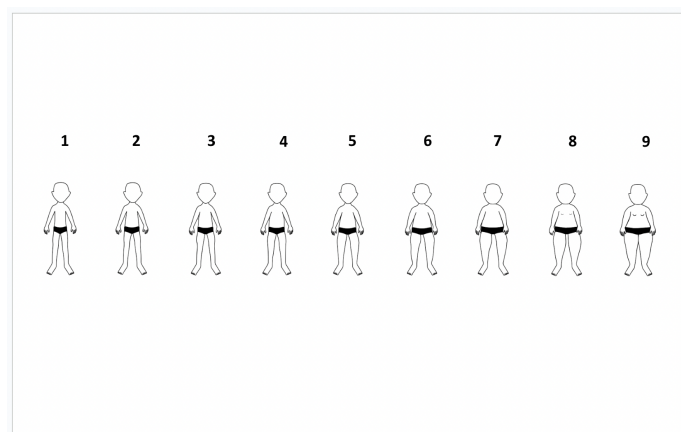
online, como forma de apresentar as atividades. As sessões de pesquisa eram gravadas utilizando a própria plataforma e tinham uma duração aproximada de trinta minutos cada.

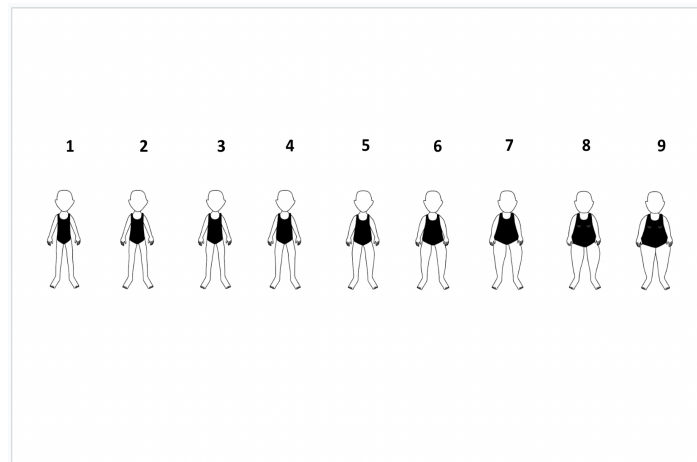
Escala de imagem corporal (Tiggemann & Wilson-Barrett, 1998): Esse instrumento foi inspirado no instrumento de Tiggemann & Wilson-Barret (1998), no entanto, algumas adaptações foram realizadas. Considerando que o instrumento original foi planejado para ser aplicado com adolescentes, a primeira adaptação foi a remodelação das silhuetas de forma a parecerem com corpos infantis. A segunda adaptação foi a remoção dos cabelos para evitar que a criança respondesse sob controle do tipo de cabelo que se parecia mais com o dela.

A experimentadora apresentou aos participantes uma imagem no powerpoint (em tela cheia) contendo nove silhuetas diferentes. As meninas observavam silhuetas femininas e os meninos silhuetas masculinas (ver Figura 2). Com o apoio das figuras, a experimentadora perguntava: “Com qual dos desenhos você mais se parece?” e “Com qual dos desenhos você mais gostaria de se parecer?”.

Figura 2

Escala de imagem corporal para os gêneros masculino e feminino, de cima pra baixo





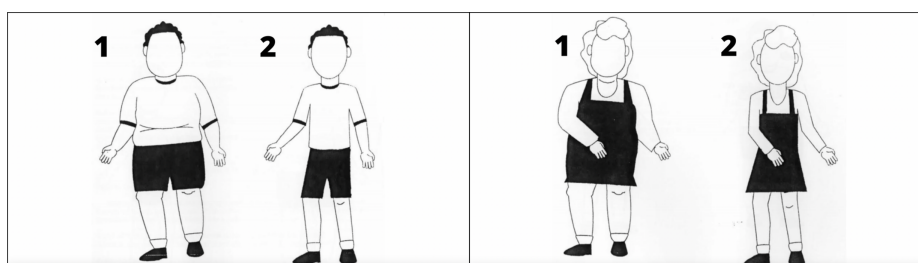
Tarefa de atitudes em relação ao biotipo (Tillman, 2003): Essa tarefa foi inspirada em uma tarefa de Tillman (2003). A pesquisadora entrou em contato com a criadora do instrumento original em dois e-mails diferentes, a fim de obter a autorização para utilizá-lo, além de detalhes da aplicação. No entanto, não obteve resposta. O instrumento na íntegra (i.e., histórias completas e figuras) e instruções de contrabalanceamento foram encontrados na dissertação de Su (2008) (Anexo B para instrumento original na íntegra e sua tradução).

A tarefa consiste na apresentação de quatro histórias, cada uma com dois personagens, sendo que duas histórias apresentam personagens do gênero feminino e duas incluem personagens do gênero masculino. Em todas as histórias, um dos personagens faz algo bom e o outro algo ruim, mas o participante não vê imagens dos personagens propriamente ditos; apenas de elementos da história (e.g., uma floresta na história que se passa em uma floresta) sem que os personagens possam ser identificados. Duas das quatro histórias envolviam uma situação fantasiosa (e.g., um convite para andar no elefante em um circo) e duas histórias envolviam uma situação mais realista (e.g., jogar a bola da amiga em uma poça de lama de propósito). Após ouvir cada história, a pesquisadora apresentava um desenho com duas silhuetas, uma magra e outra gorda (ver Figura 3), e

perguntava às crianças: “Qual desses meninos (meninas) é o _____ (nome da personagem), o (a) maldoso (a) que _____ (ação realizada)?”. “E qual desses meninos (meninas) é o _____ (nome da personagem), o (a) bondoso (a) que _____ (ação realizada)?”. A ordem das histórias, das perguntas e as posições (direita e esquerda) das figuras de crianças foram contrabalanceadas.

Figura 3

Exemplos de silhuetas de personagens para os gêneros masculino e feminino respectivamente, da esquerda para a direita



Para realizar a adaptação do instrumento, a pesquisadora inicialmente traduziu as quatro histórias e alterou os nomes dos personagens adaptando para nomes brasileiros (e.g., John foi substituído por João). Após uma revisão da tradução realizada pela orientadora do presente trabalho, a pesquisadora gravou a sua própria voz contando as histórias, ao invés de contar cada uma delas durante as sessões experimentais. Essa escolha foi feita a fim de evitar possíveis efeitos de entonação ao longo das sessões experimentais com os diferentes participantes.

Tarefa de confiança seletiva: Essa tarefa foi apresentada em forma de vídeo, com duas informantes do gênero feminino (i.e., uma gorda e uma magra) nomeando quatro objetos ao longo de uma fase de familiarização (objetos conhecidos), e quatro objetos ao longo de uma fase teste (objetos desconhecidos) (Ver Figura 4).

Figura 4

Objetos desconhecidos do estudo piloto



Cada objeto foi apresentado em uma tentativa. As informantes foram selecionadas por serem parecidas fisicamente (i.e., mesma raça, cor dos olhos e cor do cabelo). A informante gorda sempre utilizava uma camiseta branca e a magra uma camiseta preta. Tal como no estudo de Taylor (2013), essas cores foram escolhidas por serem cores neutras, com menor probabilidade de serem cores de preferência da criança. Além disso, a pesquisadora definiu a cor branca para a informante com o biotipo gordo e a preta para a informante com o biotipo magro em função do efeito visual que as cores poderiam fornecer, acentuando os biotipos de cada uma delas.

Antes de começar a tarefa, a pesquisadora fornecia as seguintes instruções aos participantes:

Eu vou te mostrar aqui nesse computador um vídeo com duas mulheres. No vídeo, elas vão conversar e eu quero que você preste muita atenção porque depois vou te fazer perguntas sobre elas, ok? Se não entender alguma coisa, é só perguntar!

A tarefa teve início com a fase de familiarização, com quatro tentativas. A experimentadora apresentava as duas informantes com o auxílio de uma imagem do

vídeo: “Essa é a pessoa de camiseta branca e essa é a pessoa de camiseta preta.”. Então, uma foto do primeiro objeto conhecido (i.e., tentativa 1) aparecia na tela e a pesquisadora perguntava à criança: “Qual é o nome disso?”. Caso a criança não soubesse, ou cometesse um erro, a pesquisadora fornecia um feedback corretivo. Caso a criança respondesse corretamente, a experimentadora dizia: “Isso! Muito bem!”. E então, dava prosseguimento à tarefa, com a apresentação de uma cena. Nessa cena, as duas informantes apareciam em pé, atrás de uma mesa na qual estava o objeto que apareceu anteriormente. A informante gorda estava posicionada à esquerda de quem olha pra tela e a informante magra à direita. Elas ouviam uma voz infantil proveniente de uma caixa de som perguntando: “Você sabe o nome disso?” e forneciam os rótulos em ordem contrabalanceada (ver figura 5). Essas informantes poderiam errar ou acertar os nomes dos objetos a depender da condição dos participantes.

As crianças foram distribuídas em quatro condições distintas, replicando estudos prévios (Messias, 2019; Taylor, 2013) (ver Figura 6), de acordo com o que assistiram durante a fase de familiarização. Os participantes alocados na primeira condição (C1)

Figura 5

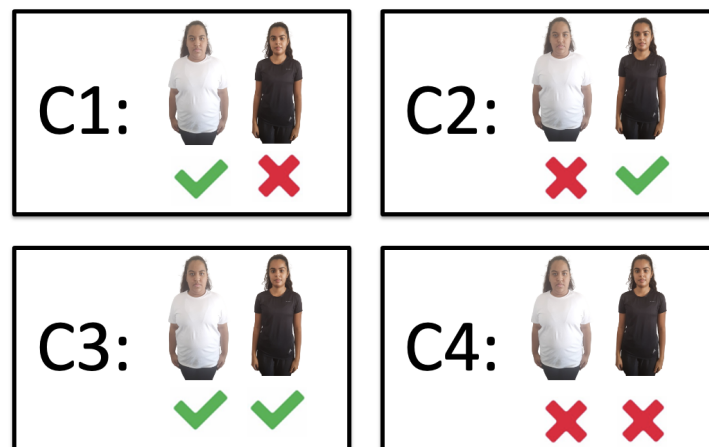
Exemplo de cena da fase de familiarização



assistiram a uma informante gorda nomeando objetos familiares corretamente em todas as tentativas e uma informante magra fornecendo rótulos incorretos para os objetos em todas as tentativas (e.g., chamando um cachorro de “celular”). Os participantes da segunda condição (C2) assistiram à informante magra rotulando corretamente todos os objetos e a informante gorda fornecendo todos os rótulos incorretos. Na terceira condição (C3), os participantes assistiram às duas informantes fornecendo os rótulos corretos, em todas as tentativas (e.g., diante de um cachorrinho de pelúcia, uma dizia “É um cachorro” e a outra dizia “É um cão”). E por fim, na quarta condição (C4), os participantes assistiram a ambas as informantes rotulando todos os objetos incorretamente (e.g., chamando o cachorrinho de “livro” e o outro chamando de “celular”).

Figura 6

Diagrama ilustrando as quatro condições do estudo piloto



Ao final dessa fase, com o apoio de uma imagem das duas informantes, a pesquisadora dizia: “Essas pessoas disseram muitas coisas. Você acha que alguma delas disse coisas erradas? Qual?”.

Imediatamente após a fase de familiarização, a fase teste tinha início. Uma imagem do primeiro objeto desconhecido (i.e., ver objetos usados na Figura 4) era

apresentada na tela e a experimentadora perguntava se a criança sabia o nome dele. Caso a criança arriscasse um palpite, a pesquisadora dizia: “Eu acho que esse não é o nome disso, mas tenho duas amigas que podem te ajudar!”. Caso a criança apenas dissesse que não sabia o nome do objeto, a pesquisadora dizia que tinha duas amigas que poderiam ajudar e dava prosseguimento à tarefa. Em seguida, na tela do computador, aparecia uma foto das duas informantes e a experimentadora perguntava ao participante: “Para quem você quer pedir ajuda?”. A resposta da criança a essa pergunta era registrada e consistia na primeira medida de interesse do estudo, a medida de preferência.

Após essa pergunta, era apresentada uma cena na tela do computador, com as duas informantes em uma configuração semelhante à da fase de familiarização, com a diferença de que o objeto sobre a mesa era desconhecido. A mesma voz proveniente da caixa de som perguntava: “Você sabe o nome disso?” e as informantes rotulavam o objeto em ordem contrabalanceada utilizando pseudo-palavras (e.g., “danú” e “tuma”) (ver Figura 7).

Figura 7

Exemplo de cena da fase teste



Após a cena, com o auxílio de uma imagem das duas informantes, a pesquisadora repetia os dois rótulos na ordem em que foram ditos e pedia para o participante endossar um dos rótulos (i.e., "Qual dos dois nomes é o correto?") e essa é a segunda medida de interesse do estudo (i.e., medida de nomeação). Esse processo se repetia ao longo das quatro tentativas teste.

Ao final da tarefa de confiança seletiva, a pesquisadora fazia três perguntas de julgamento explícito. Então, com o apoio de uma foto da informante gorda que aparecia na tela, ela perguntava: "A pessoa de camiseta branca foi boa, ou não foi boa para responder às perguntas?". Com uma foto da informante magra na tela, ela perguntava: "A pessoa de camiseta preta foi boa, ou não foi boa para responder às perguntas?"; Finalmente, diante de uma foto das duas informantes na tela, a pesquisadora perguntava: "Quem respondeu melhor às perguntas, a pessoa de camiseta branca, ou a pessoa de camiseta preta?" Todas as respostas foram registradas.

Codificação dos Dados

Para obter um escore de imagem corporal, as instruções do instrumento foram seguidas. Ou seja, a pesquisadora efetuou uma subtração entre o escore da primeira pergunta (i.e., "Com qual dos desenhos você mais se parece?") e o escore da segunda pergunta (i.e., "Com qual dos desenhos você mais gostaria de se parecer?"). Um escore final 0 indicava satisfação corporal, um escore negativo indicava o desejo por um biotipo mais gordo, já um escore final positivo indicava um desejo por um biotipo mais magro.

Na tarefa de atitudes em relação aos biotipos, por sua vez, os participantes que selecionaram a silhueta gorda como o personagem maldoso receberam o escore 1, os que selecionaram a silhueta magra como o personagem maldoso receberam o escore 2 e os

participantes que indicaram a mesma silhueta nas duas perguntas (e.g., indicaram a silhueta magra como maldosa e bondosa) receberam um escore 3. Como se trata de uma variável categórica, os escores 1 a 3 serviam a função apenas de codificar o padrão de preferência da criança em cada tentativa. Foram calculados então os escores finais baseado na frequência dos padrões de preferência, ou seja, quantas vezes (i.e., em quantas tentativas) cada participante selecionou a silhueta gorda como maldosa, quantas vezes eles indicaram a silhueta magra como maldosa e quantas vezes eles indicaram a mesma silhueta como bondosa e maldosa ao mesmo tempo. Se, por exemplo, a criança tivesse escolhido a personagem magra como maldosa em 4 tentativas, ela obteria um escore 4 para o viés "magra maldosa" e 0 para o viés "gorda maldosa".

Para a tarefa de confiança seletiva, foi computado o número de vezes em que o participante demonstrava uma preferência por cada um dos informantes ou para os dois ao mesmo tempo. É importante lembrar que, em cada tentativa, a criança respondia a uma pergunta de preferência (i.e., "Para quem você quer pedir ajuda?") e a uma de nomeação (i.e., "Qual dos dois nomes é o correto?") e ao final das 4 tentativas, respondia à pergunta de julgamento explícito (i.e., "Quem respondeu melhor às perguntas, a pessoa de camiseta branca, ou a pessoa de camiseta preta?"). Portanto, a criança tinha 9 oportunidades para fazer (ou não) uma escolha entre os dois informantes.

Para determinar a preferência das crianças, somava-se o número de vezes (das 9 oportunidades) em que as crianças preferiam a informante magra, a informante gorda e as duas informantes. Assim, foram obtidos um escore de preferência pela informante magra (número de vezes quando a indicou), pela informante gorda (idem) e um escore (i.e., número de vezes) em que foram indicadas as duas informantes ao mesmo tempo.

Resultados

Considerando o tamanho reduzido da amostra, uma análise descritiva dos dados foi realizada e os desempenhos individuais dos participantes serão apresentados a seguir.

Participante 1

O primeiro participante (PP1) estava com 4 anos e 3 meses no momento em que o procedimento foi realizado e é do gênero masculino. Na escala de imagem corporal, essa criança selecionou o biotipo de número 2 tanto na pergunta “Com qual dos desenhos você mais se parece?”, quanto na pergunta “Com qual dos desenhos você mais gostaria de se parecer?”. Portanto, o escore final do participante para essa tarefa foi 0, o que sugere que ele se identifica como magro e gostaria de ter o biotipo que possui.

Na tarefa de atitudes, essa criança escolheu o personagem gordo como maldoso em uma das histórias (i.e., história fantasiosa com personagens masculinos); indicou o personagem magro como maldoso em duas das histórias (i.e., história realista com personagens femininas e história realista com personagens masculinos) e indicou a personagem magra como bondosa e maldosa ao mesmo tempo na história fantasiosa com personagens femininas.

Essa criança foi alocada na Condição 1 na tarefa de confiança seletiva. Nessa condição, a informante gorda apresentava um histórico de acertos e a informante magra um histórico de erros ao longo das tentativas de familiarização. Essa criança preferiu a informante magra uma única vez, a informante gorda 8 vezes (i.e., somando as perguntas de preferência, nomeação e julgamento explícito) e não preferiu as duas informantes em nenhuma das medidas (i.e., preferência, nomeação, julgamento explícito). Esses escores indicam uma preferência clara da criança pela informante gorda, o que revela que o histórico de acertos foi mais relevante do que o biotipo para esse participante.

Participante 2

O segundo participante (PP2) tinha 4 anos e 4 meses de idade e era do gênero masculino. Na escala de imagem corporal, essa criança se identificou com um biotipo intermediário, o biotipo de número 6. Ela também relatou que gostaria de se parecer com o biotipo 6, o que resultou em um escore total de imagem corporal 0, indicando satisfação com o próprio corpo.

Ao longo da tarefa de atitudes, ele escolheu o personagem gordo como maldoso em uma história (i.e., história realista com personagens). Ele também indicou o personagem magro como maldoso em duas histórias (i.e., realista com personagens femininas e fantasiosa com personagens masculinos) e indicou a personagem gorda como malvada e bondosa ao mesmo tempo na história fantasiosa com personagens femininas.

PP2 também foi alocado na Condição 1 da tarefa de confiança seletiva. Ele preferiu a informante magra 4 vezes, preferiu a informante gorda 5 vezes e nenhuma vez as duas informantes ao mesmo tempo. Esses escores demonstraram uma preferência tímida pela informante gorda com um histórico de acertos, em detrimento da magra que dava nomes errados para objetos conhecidos.

Participante 3

A Participante 3 (PP3) tinha 4 anos e 3 meses, era do gênero feminino e se identificou com o biotipo de número 4 na escala de imagem corporal. No entanto, ela relatou que gostaria de possuir o biotipo de número 2. Dessa forma, o escore total final de imagem corporal para essa participante foi 2, demonstrando algum nível de insatisfação corporal. Adicionalmente, essa criança identificou os personagens gordos como maldosos em três histórias e a personagem magra como maldosa em apenas uma história (i.e., fantasiosa com personagens femininas).

Essa criança foi alocada na Condição 2 da tarefa de confiança seletiva, em que a informante gorda apresenta um histórico de erros e a informante magra um histórico de acertos ao longo das tentativas de familiarização. Ela preferiu a informante magra 6 vezes, a informante gorda 3 vezes e nenhuma vez as duas informantes ao mesmo tempo. Esses dados revelaram uma preferência pela informante magra, que também era a informante com um histórico de acertos, logo não é possível afirmar se a criança escolheu com base no histórico, biotipo ou nos dois.

Participante 4

O participante 4 (PP4) tinha 4 anos e 8 meses e era do gênero masculino. Na escala de imagem corporal, essa criança se identificou com um biotipo magro (i.e., o biotipo de número 1), mas relatou que gostaria de possuir o biotipo de número 3. O escore total de imagem corporal dessa criança foi -2, o que indica um desejo de um biotipo menos magro.

Na tarefa de atitudes, essa criança selecionou o personagem gordo como maldoso em duas histórias (i.e., realista com personagens femininas e fantasiosa com personagens masculinas) e o personagem magro como maldoso em duas histórias (i.e., fantasiosa com personagens femininas e realista com personagens masculinas). Por fim, na tarefa de confiança seletiva, a criança preferiu a informante magra 9 vezes, ou seja, em todas as tentativas de preferência, nomeação e julgamento explícito, o que indica uma preferência clara da criança pela informante magra e com um histórico de acertos.

Participante 5

A participante 5 (PP5) tinha 4 anos e 9 meses e é do gênero feminino. Na escala de imagem corporal, ela disse ser mais parecida com o biotipo 3, mas que gostaria de ser mais parecida com o biotipo 9. O escore total dessa criança foi -6 e indicou um desejo

por um biotipo mais gordo. Na tarefa de atitudes, essa criança identificou a personagem gorda como maldosa em todas as histórias.

Por fim, para realizar a tarefa de confiança seletiva, a participante foi alocada na Condição 3, em que as duas informantes possuem um histórico de acertos durante a fase de familiarização. Essa criança errou a pergunta de checagem, que tinha a função de conferir se a criança havia compreendido que as duas informantes possuíam um histórico de acertos ao longo da fase de familiarização. Entretanto, ela relatou que a informante de camiseta branca (i.e., informante gorda) havia cometido erros nessa fase, o que pode ser interpretado como um erro de compreensão e também como um viés contra pessoas gordas. Adicionalmente, essa criança recusou-se a responder a segunda pergunta de nomeação. Ela preferiu a informante magra 8 vezes e nenhuma vez a informante gorda, ou as duas ao mesmo tempo. Ou seja, ao longo dessa tarefa, ela demonstrou uma preferência clara pela informante magra.

Participante 6

A participante 6 (PP6) tinha 5 anos e 9 meses e é do gênero feminino. Ela afirmou que se parecia com o biotipo 5 na escala de imagem corporal, mas que gostaria de se parecer com o biotipo 4. Logo, o escore total de imagem corporal dessa criança foi 1, indicando desejo por um biotipo mais magro. Na tarefa de atitudes, a participante selecionou a personagem magra como maldosa e bondosa ao mesmo tempo, em todas as histórias.

Adicionalmente, a criança foi alocada na Condição 3 da tarefa de confiança seletiva (ambas fornecem rótulos corretos na familiarização) e também errou a pergunta de checagem, afirmando que a informante gorda havia cometido erros. Essa participante preferiu a informante magra 6 vezes, a informante gorda 3 vezes e não preferiu as duas

simultaneamente. Os escores totais demonstram uma preferência pela informante magra ainda que ambas tivessem um histórico de acertos.

Participante 7

O Participante 7 (PP7) tinha 4 anos e era do gênero masculino. Essa criança selecionou o biotipo de número 4 como o mais parecido com ela na escala de imagem corporal. No entanto, relatou que gostaria de se parecer com o biotipo de número 9, ficando com um escore final de imagem corporal de - 5. Esse escore indica um desejo por um biotipo mais gordo. Na tarefa de atitudes, por sua vez, essa criança identificou a personagem magra como maldosa ao longo das quatro histórias.

Essa criança foi alocada na Condição 4 da tarefa de confiança seletiva. Nessa condição, ambas as informantes cometeram erros ao longo da fase de familiarização. Essa criança preferiu a informante magra 6 vezes, a informante gorda 2 vezes e as duas simultaneamente uma única vez. Os dados demonstraram uma preferência pela informante magra, ainda que ambas tivessem um histórico de erros.

A Tabela 1 apresenta todos os dados dos sete participantes para facilitar a comparação e compreensão.

Tabela 1

Escores por participante da EIC (Escala de Imagem Corporal), TCS (Tarefa de Confiança Seletiva) e TA (Tarefa de Atitudes) no Estudo Piloto

Idade	Gênero	TCS (preferência pela magra)	TCS (preferência pela gorda)	TCS (preferência pelas duas)	EIC Escore	TA (gorda maldosa)	TA (magra maldosa)	TA (mesma silhueta)	
PP1	4 anos	Masculino	1	8	0	0	1	2	1
PP2	4 anos	Masculino	4	5	0	0	1	2	1
PP3	4 anos	Feminino	6	3	0	2	3	1	0

PP4	4 anos	Masculino	9	0	0	-2	2	2	0
PP5	4 anos	Feminino	8	0	0	-6	4	0	0
PP6	5 anos	Feminino	6	3	0	1	0	0	4
PP7	4 anos	Masculino	6	2	1	-5	0	4	0

Discussão

Um dos objetivos do estudo piloto foi testar os efeitos do biotipo e do histórico de informantes na confiança seletiva de crianças. Embora muito preliminares, os dados demonstraram que, quando o histórico dos informantes era diferente (i.e., um acertava e o outro errava), as crianças preferiam o informante com um histórico de acertos, independentemente do biotipo. No entanto, quando o histórico dos informantes era igual (i.e., ambos acertavam ou ambos erravam), elas demonstraram uma preferência pelo informante magro. Esses achados contrariam um estudo anterior, em que crianças faziam suas escolhas baseadas em critérios não epistêmicos, como a atratividade física, em detrimento de critérios epistêmicos (e.g., histórico de acertos) (Bascandziev e Harris, 2016). Adicionalmente, esses resultados sugerem que, embora o histórico de acertos seja mais importante, ainda existe um viés negativo de crianças pequenas em relação a corpos gordos, indo ao encontro dos dados de Jaffer e Ma (2015).

O outro objetivo desse estudo piloto era testar esses procedimentos, manipulando o histórico de acurácia e o biotipo de informantes com crianças brasileiras, para investigar a necessidade de realizar modificações. Após essa coleta de dados, foi possível observar elementos da tarefa que poderiam se beneficiar de algumas mudanças. Então, cinco modificações foram realizadas, visando aprimorar os procedimentos.

A primeira delas foi a substituição do par de informantes do gênero feminino (i.e., uma gorda e uma magra), por quatro pares de informantes, sendo dois do gênero feminino

(i.e., uma informante gorda e uma informante magra em cada par) e dois do gênero masculino (i.e., um informante gordo e um informante magro em cada par). Essa modificação foi realizada porque utilizar informantes diferentes ao longo das tentativas forçaria os participantes a associarem o conhecimento a uma categoria social (e.g., biotipo).

Considerando os dados de Bascandzhev e Harris (2016), que revelaram efeitos da atratividade de informantes na confiança seletiva, a pesquisadora optou também por parear informantes com o mesmo nível de atratividade. Ou seja, para garantir um maior controle experimental, a atratividade de todos os informantes foi avaliada por juízes adultos e os informantes a serem contrastados foram aqueles considerados igualmente atraentes. Os informantes também foram apresentados às crianças em slides e não em vídeos.

A terceira modificação foi a remoção da fase de familiarização. Ou seja, os participantes não tiveram acesso ao histórico de acertos ou erros dos informantes, eles apenas os viram nomeando objetos desconhecidos. Essa modificação ocorreu para que fosse possível investigar a existência ou não de um viés antes de manipular a variável histórico de confiabilidade. A quarta modificação por sua vez envolveu a troca das cores das camisetas. Considerando que preto e branco podem estar historicamente associados respectivamente a luz e trevas, as pesquisadoras optaram por substituir as cores das camisetas dos informantes por amarelo e laranja (Portal & Gutiérrez, 2005). Nesse caso, os informantes gordos sempre usavam uma camiseta laranja e os informantes magros uma camiseta amarela.

Por fim, a modificação mais significativa do presente estudo ocorreu após o estágio sanduíche, pois ele se transformou em um estudo transcultural. Uma parceria com a instituição norte-americana Universidade de Minnesota (UMN) possibilitou uma comparação entre crianças brasileiras e estadunidenses.

4. Estudo Experimental Transcultural

O objetivo principal do estudo experimental transcultural foi testar os efeitos do biotipo de informantes em julgamentos seletivos de crianças de 3 a 5 anos durante situações de aprendizagem novas. Um segundo objetivo foi testar possíveis diferenças de idade entre as preferências de crianças de 3 a 5 anos. O terceiro e último objetivo foi comparar os dados de crianças estadunidenses e crianças brasileiras.

Tal como no estudo piloto, considerando pesquisas que demonstraram o viés negativo de crianças pré-escolares em relação a pessoas gordas, a hipótese era a de que as crianças demonstrariam uma preferência pelos informantes com um biotipo magro (de Oliveira Souza, et al., 2019; Jaffer e Ma, 2015; Su & Aurelia, 2012). Esperava-se também encontrar uma associação entre o desempenho das crianças na escala de imagem corporal, na tarefa de atitudes e na tarefa de confiança seletiva. Em relação aos dois grupos de idade do estudo, esperava-se uma preferência mais acentuada das crianças de 4 a 5 anos pela informante magra. Essa hipótese foi formulada com base no fato de que as crianças passam a se comparar com as outras a partir dos 4 anos (Smolak, 2012).

Por fim, considerando a globalização e o amplo acesso de crianças brasileiras a celulares e redes sociais como *TikTok* e *Instagram*; o estudo estadunidense de Jaffer e Ma (2015) que revelou menos confiança de pré-escolares em informantes obesos; e o estudo brasileiro de Oliveira Souza et al. (2019), que mostra um viés negativo de crianças brasileiras em relação a crianças gordas, a hipótese formulada foi a de que não haveria diferença estatisticamente significativa entre as culturas brasileira e estadunidense.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 100 crianças, 50 estadunidenses e 49 brasileiras, sendo que uma criança brasileira foi excluída por não ter conseguido responder a maior parte das perguntas. Das 99 crianças restantes, 43 eram do gênero feminino e 56 eram do gênero masculino com idades de 3 a 5 anos ($M= 52.0$ meses; $DP= 8.68$ meses).

A coleta com as crianças estadunidenses foi realizada no segundo semestre de 2022. Em função da pandemia do novo coronavírus, a coleta de dados com os participantes norte-americanos ocorreu no formato *online*. Essas crianças foram recrutadas por meio de um banco de dados da Universidade de Minnesota, que continha as informações de contato de famílias interessadas em participar de pesquisas sobre desenvolvimento infantil. Elas eram, em sua maioria, crianças brancas de classe média residentes no interior do estado de Minnesota, Estados Unidos.

Considerando o baixo engajamento das famílias brasileiras no estudo piloto online, a pesquisadora optou por realizar a coleta de dados com as crianças brasileiras presencialmente em um Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI), localizado em um bairro periférico, em uma cidade localizada no interior de São Paulo.

Local e materiais

A coleta de dados realizada com as crianças estadunidenses foi feita remotamente pela plataforma Zoom. Os materiais utilizados foram um laptop com uma boa conexão com a internet e folhas de registro.

A coleta de dados com as crianças brasileiras foi realizada presencialmente e de forma individual, em uma sala da CEMEI em questão. A sala havia sido designada pela

diretora por ser um local que poderia ser utilizado para a coleta sem interrupções. A sala estava equipada com uma mesa que servia como apoio para um tablet e duas cadeiras, uma para a experimentadora e outra para a criança. A pesquisadora também utilizou a câmera de um smartphone e um tripé para filmar as sessões experimentais, além de lápis e folhas de registro.

Instrumentos

Escala de imagem corporal (Tiggemann & Wilson-Barrett, 1998): O primeiro instrumento utilizado foi a adaptação da escala de imagem corporal de Tiggemann e Wilson-Barret (1998) aplicada durante o estudo piloto *online* com crianças brasileiras. A única modificação realizada no instrumento foi a remoção da segunda pergunta: “Com qual dos desenhos você mais gostaria de se parecer?”. A pesquisadora fez essa escolha porque a pergunta pressupõe que a criança gostaria de se parecer com uma silhueta diferente da informada na primeira questão.

Tarefa de atitudes em relação ao biotipo (Tillman, 2003): O segundo instrumento utilizado foi a adaptação da tarefa de Tillman (2003), também aplicada previamente no estudo piloto online com crianças brasileiras. O instrumento possui quatro histórias, duas realistas e duas fantasiosas, sendo que uma das realistas apresenta duas personagens do gênero feminino e a outra duas personagens do gênero masculino. O mesmo ocorre com as histórias fantasiosas, uma delas tem como protagonistas duas meninas e a outra dois meninos. Em todas as histórias, um dos personagens causa algum tipo de dano ao outro, exceto na história realista com personagens do gênero masculino. Essa história foi modificada porque, embora o personagem “malvado” fosse rude e ofendesse o outro, não havia exatamente um dano causado como nas outras histórias (não poder andar no elefante; a bola ficar suja de lama e ficar sozinho/ perdido na floresta). A Tabela 2 contém

as vinhetas da história original e da história modificada. As vinhetas completas das histórias originais e das traduções para o português estão todas em anexo (ver anexo A).

Tabela 2

Vinhetas da história original e da história modificada

História original	História modificada
Davi e Tomás sentaram perto um do outro na sala de aula. A professora pediu para os alunos encontrarem um parceiro. Davi disse, “Eu gostaria de ser seu parceiro, Tomás.” Mas o Tomás disse: Bom, eu não gosto de você e nunca vou querer ser seu parceiro.	A professora saiu da sala. Antes de sair, ela pediu para que todas as crianças ficassem quietas pintando seus desenhos. Mas Tomás ficou perturbando Davi, fazendo muito barulho.

Tarefa de confiança seletiva: Inicialmente, esse instrumento foi planejado para ser apresentado aos participantes em forma de vídeo com duas informantes do gênero feminino, conhecidas da pesquisadora, tal como no estudo piloto *online*. No entanto, crianças pré-escolares já demonstraram preferir informantes previamente avaliados como mais atraentes (Bascandziev & Harris, 2014). Essa preferência já se mostrou mais importante do que o próprio histórico de confiabilidade do informante (Bascandziev & Harris, 2016). Considerando que a pesquisadora não buscou garantir previamente que as duas informantes tivessem o mesmo nível de atratividade, utilizar essa filmagem poderia fazer com que as crianças selecionassem o informante sob controle da atratividade e não do biotipo.

A solução encontrada foi apresentar a tarefa e os informantes em forma de animação, com o auxílio de um *software* para criar personagens e animações chamado *Animaker*. Esse formato permitiria que a pesquisadora tivesse total controle sobre as características físicas dos informantes e ainda seria mais atrativa para as crianças,

especialmente no formato de coleta *online*. Porém, na época, o *software* em questão não tinha disponível a opção de criar personagens gordos.

Nesse caso, a pesquisadora optou por utilizar fotografias disponíveis gratuitamente em um banco de imagens chamado *Shutterstock*. Ao todo, foram selecionadas dez fotografias, sendo cinco de pessoas do gênero feminino e cinco de pessoas do gênero masculino. Todas as pessoas retratadas nas fotografias eram da mesma raça. Os níveis de atratividade dessas pessoas foram avaliados por trinta juízes adultos (i.e., 15 residentes no Brasil e 15 residentes nos Estados Unidos) com idades entre 20 e 30 anos, em sua maioria graduandos e pós-graduandos. Essa avaliação consistia em uma escala *Likert* de cinco pontos apresentada como um formulário *online*, que variava de "nada atraente" para "muito atraente".

O teste de Friedman indicou haver uma diferença entre os níveis de atratividade das cinco mulheres, $\chi^2(4) = 11.74$, $p = 0.02$, e entre os níveis de atratividade dos cinco homens, $\chi^2(4) = 045.74$, $p < 0.001$. Na sequência, um teste de Wilcoxon para amostras pareadas testou uma possível diferença entre o nível de atratividade das mulheres com os escores mais aproximados e a diferença não se mostrou significativa ($M = 3.02$ e $M = 2.9$). O mesmo foi feito para as fotos de homens e a diferença entre as duas fotos selecionadas também não se mostrou significativa ($M = 3.0$ e $M = 3.1$) Ou seja, as pessoas do mesmo gênero com níveis de atratividade estatisticamente iguais foram pareadas. Um sorteio foi realizado para definir qual integrante de cada dupla teria o biotipo gordo e as modificações nos corpos dos informantes e nas cores das camisetas foram realizadas com a ajuda do *software* GIMP.

A versão final do instrumento consiste em uma apresentação de *slides* no *Powerpoint* com quatro pares de informantes, sendo sempre uma pessoa magra e uma

pessoa gorda, e a pessoa magra estava sempre posicionada à esquerda utilizando uma camiseta amarela e a pessoa gorda à direita utilizando uma camiseta laranja. Todas as pessoas foram fotografadas fazendo a mesma pose (i.e., com os braços esticados ao lado do corpo), pertenciam à mesma raça e cada par era composto por pessoas igualmente atraentes (ver Figura 8).

Como os informantes seriam apresentados aos participantes em forma de fotografias e não vídeos, a pesquisadora ficou responsável por transmitir as falas dos informantes com o suporte de roteiros escritos previamente. A ordem do informante que falava primeiro (i.e., gordo ou magro) foi contrabalanceada.

Figura 8

Exemplo de dois pares de informantes do gênero masculino e feminino da esquerda para a direita



Os instrumentos utilizados com as crianças brasileiras foram os mesmos utilizados com as crianças estadunidenses. Os instrumentos originais da língua inglesa (i.e., escala de imagem corporal e tarefa de atitudes em relação ao biotipo) foram traduzidos para o português brasileiro.

Procedimentos com as crianças Estadunidenses

Caso o responsável respondesse demonstrando interesse, uma *survey* com perguntas (ver Apêndice B) para verificar a elegibilidade da criança era enviado (e.g., se

a criança era fluente em inglês e se apresentava desenvolvimento típico). Se alguma criança não fosse elegível, a experimentadora enviava um e-mail agradecendo pelo interesse e informando que a criança não era elegível para esse estudo, mas que os dados dela permaneceriam no banco para outros estudos do grupo de pesquisa. Com a elegibilidade confirmada, a pesquisadora marcava um horário para a sessão experimental e enviava o termo de consentimento (ver Apêndice C) juntamente com um guia sobre como utilizar a plataforma de videochamada Zoom. Vinte e quatro horas antes da sessão experimental, o responsável recebia um novo e-mail com a função de lembrá-lo sobre o compromisso. Esse e-mail continha a data da sessão, o horário, o *link* para a videochamada no Zoom, o ID da reunião, a senha, o *link* para o termo de consentimento novamente e instruções para um melhor andamento da pesquisa.

Os participantes se juntavam à videochamada sempre acompanhados de um responsável. A pesquisadora iniciava a pesquisa se apresentando e também dizia à criança:

“Eu gosto muito de aprender mais sobre crianças! E eu consigo aprender esse tipo de coisa jogando jogos com crianças tipo você. Então você gostaria de jogar alguns joguinhos comigo e me ajudar a aprender mais sobre você?”

Após a confirmação da criança, a pesquisadora compartilhava em sua tela a escala de imagem corporal que correspondia ao gênero da criança. A pesquisadora então perguntava: Você está vendo todas essas crianças na tela? Qual delas você acha que se parece mais com você? Em alguns casos, as crianças diziam o número da silhueta que ela considerava mais parecida; em outros casos, elas apontavam para a tela e os pais diziam qual era o número da silhueta. A experimentadora registrava a resposta e então passava para a segunda tarefa.

A segunda tarefa era a tarefa de atitudes em relação aos biotipos. A pesquisadora sempre iniciava com instruções dizendo que mostraria algumas histórias e faria algumas perguntas. Como descrito no estudo piloto *online*, ao final de cada história, a pesquisadora perguntava à criança em ordem contrabalanceada:

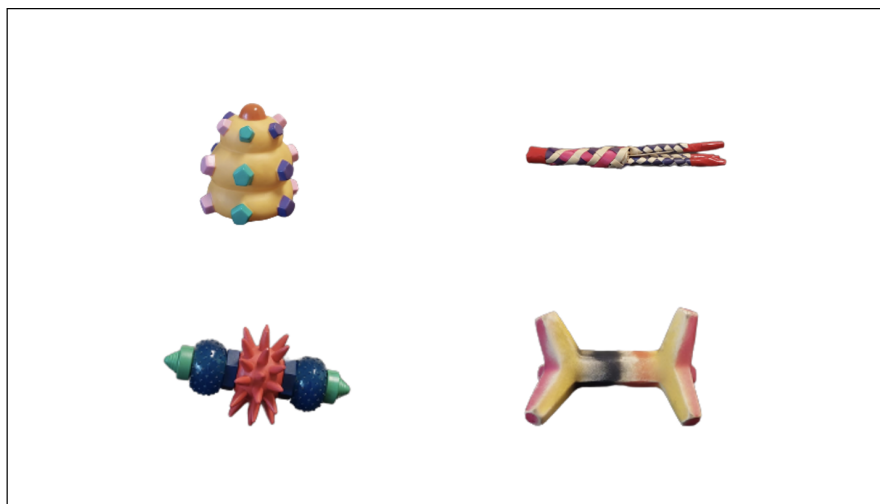
“Qual dessas crianças é _____ o (a) bonzinho (a) que _____? E qual dessas crianças é _____ o (a) maldoso (a) que _____?”

Assim como na primeira tarefa, algumas crianças diziam o número da silhueta correspondente ao personagem (1 ou 2) e outras apontavam e os pais diziam o número em voz alta. Ao final desta tarefa, a experimentadora iniciava a tarefa de confiança seletiva com as seguintes instruções: “Agora eu tenho mais um jogo pra você! Nesse último jogo, eu vou te mostrar algumas fotos e fazer algumas perguntas, ok?”. Então com a foto das duas primeiras informantes (i.e., informante gorda à direita e informante magra à esquerda) na tela, a pesquisadora dizia: “Essas são minhas duas amigas!”. Em seguida, com a foto da informante gorda de camiseta laranja na tela, a pesquisadora dizia - “Essa é a pessoa de camiseta laranja!”. Por fim, com a foto da informante magra de camiseta amarela na tela, a pesquisadora dizia: “Essa é a pessoa de camiseta amarela!”. Então uma foto do primeiro objeto desconhecido (ver objetos desconhecidos dos Estudos 1 e 2 na

Figura 8) era apresentada na tela e a pesquisadora perguntava à criança: “Qual é o nome

Figura 9

Objetos desconhecidos dos estudos 1 e 2



disso?”. Caso a criança arriscasse um palpite, a pesquisadora dizia: “Esse é um ótimo palpite, mas não é o nome correto. O que você acha de a gente perguntar para as nossas amigas?”.

Então, novamente com a foto das duas informantes na tela, a pesquisadora perguntava: “Para qual das duas você gostaria de pedir ajuda? Para a pessoa de camiseta laranja ou para a pessoa de camiseta amarela?”. Essa pergunta era a pergunta de preferência, a primeira medida de interesse do estudo. Em seguida, com uma foto das duas informantes na tela e o objeto desconhecido no centro, a pesquisadora dizia, por exemplo, no caso do primeiro objeto: “A pessoa de camiseta laranja disse que isso se chama “Toma” e a pessoa de camiseta amarela disse que isso se chama “Modi” (ver Apêndice A para ter acesso a todos os rótulos). Na sequência, realizava a segunda pergunta de interesse do estudo (i.e., pergunta de nomeação): “Como você acha que é o nome disso? “Toma” como a pessoa de camiseta laranja disse, ou “Modi”, como a pessoa de camiseta amarela disse?”. Os rótulos contrastantes utilizados a cada tentativa são

pseudo-palavras comumente utilizadas em estudos prévios com crianças nativas da língua inglesa.

A terceira medida do estudo eram as três perguntas de julgamento explícito, feitas sempre ao final de cada tentativa, sendo elas: “A pessoa de camiseta laranja foi boa ou não foi boa em responder as perguntas?”; “A pessoa de camiseta amarela foi boa ou não foi boa ao responder as perguntas?”; “Quem foi melhor em responder as perguntas? A pessoa de camiseta laranja, ou a pessoa de camiseta amarela?”. Uma imagem na tela do computador era apresentada para cada uma dessas perguntas. A primeira pergunta era realizada diante de uma imagem da informante de camiseta laranja, a segunda diante de uma imagem da informante de camiseta amarela e a terceira diante de uma imagem das duas informantes.

Esse procedimento era repetido ao longo de quatro tentativas, sendo que o gênero dos informantes foi intercalado entre as tentativas. Ou seja, a primeira tentativa apresentava informantes do gênero feminino, a segunda tentativa apresentava informantes do gênero masculino, a terceira, informantes do gênero feminino e a última, informantes do gênero masculino.

A pesquisadora fornecia um *feedback* positivo ao final de cada tarefa (e.g., “Você foi muito bem nesse jogo!”). Caso a criança demorasse muito para responder, e relatasse medo de errar, a pesquisadora reafirmava que não havia uma resposta certa e que ela estava interessada em tudo o que ela quisesse compartilhar. Caso a criança se mostrasse pouco engajada nas tarefas da pesquisa ou relatasse cansaço ou tédio, a pesquisadora oferecia a possibilidade de um intervalo ou terminava a sessão. Se a criança começasse a chorar, a sessão era interrompida imediatamente. Ao final de cada sessão, a pesquisadora

agradecia pela participação e se disponibilizava para responder quaisquer perguntas da criança, ou do responsável.

Procedimentos com as crianças Brasileiras

Após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UFSCar (CAAEE 28447120.8.0000.5504) (ver Anexo C), a autorização da Secretaria Municipal da Educação, da Direção da CEMEI e das professoras da sala, a pesquisadora começou a frequentar a escola. Durante a primeira semana, ela estabeleceu um *rapport* com as crianças e entregou as cópias do TCLE (Termos de Consentimento Livre e Esclarecido) (ver Apêndice D) aos pais das crianças nos horários de entrada e saída e em uma reunião de pais e mestres.

Com a autorização dos pais e o assentimento das crianças, a coleta de dados teve início. Os procedimentos foram os mesmos realizados com as crianças do estudo 1, com a exceção do fato de que, no Brasil, a coleta foi feita no próprio espaço da escola, apenas com as crianças, sem a presença dos pais. Dessa forma, a pesquisadora podia observar diretamente quando as crianças apontavam para a tela e não precisava contar com o auxílio dos pais dizendo para qual personagem as crianças tinham apontado. A escola brasileira também possuía mais barulhos e interferências externas do que a casa das crianças americanas. Como resultado, em alguns casos, a pesquisadora precisou repetir as histórias ao longo da tarefa de atitudes em relação aos biotipos.

Codificação dos Dados

Com a exclusão da segunda pergunta da escala de imagem corporal no presente estudo (“Com qual dos desenhos você mais gostaria de se parecer?”), os escores das crianças na escala de imagem corporal foram computados de acordo com o número da silhueta escolhida como o biotipo que elas acreditavam possuir. Esses escores também

podem variar de 1 a 9, sendo que escores mais baixos indicam uma percepção de si mesmo como tendo um biotipo magro e escores mais altos como tendo um biotipo gordo.

Para a tarefa de atitudes em relação aos biotipos, os escores foram calculados da mesma maneira que no estudo piloto *online*. Isto é, as crianças receberam 1 ponto quando consideraram o personagem gordo maldoso e 2 pontos quando consideraram o personagem magro maldoso. Já os participantes que selecionaram a mesma silhueta como malvada e bondosa ao mesmo tempo receberam o escore 3. Tal como na tarefa de atitudes realizada durante o estudo piloto, calculamos escores finais com base na quantidade de vezes (histórias) em que as crianças consideraram as silhuetas gordas como maldosa, as silhuetas magras como maldosas e para as vezes em que elas elencaram a mesma silhueta como maldosa e bondosa ao mesmo tempo. Calculamos também os subtotais de acordo com as preferências das crianças nos diferentes tipos de história (i.e., realista x fantasiosa) e com protagonistas de diferentes (i.e., masculino e feminino).

Os dados da tarefa de confiança seletiva foram codificados da seguinte forma: foi computado o número de tentativas em que a preferência foi pela pessoa magra, o número de tentativas em que a preferência foi pela pessoa gorda, e o número de tentativas em que a criança escolheu as duas pessoas para cada uma das três medidas (preferência, nomeação e julgamento explícito). Para a medida de julgamento explícito, se a criança indicasse que a magra era boa para dizer o nome das coisas (pergunta 1) e que a magra era melhor do que a gorda (pergunta 3) em uma dada tentativa, era registrada a preferência pela magra. Se ela dissesse que a gorda era boa (pergunta 2) e dissesse que a gorda era melhor do que a pessoa magra, era registrada para aquela tentativa a preferência pela gorda. Finalmente, foi computado um escore total de preferência pelo magro (preferência pelo magro/medida preferência + preferência pelo magro/medida nomeação + preferência

pelo magro/medida de julgamento explícito; variação de 0 a 12 pontos) e um escore total de preferência pelo gordo, seguindo a mesma lógica.

Resultados

Inicialmente, uma análise exploratória descritiva dos escores dos participantes na escala de imagem corporal (EIC), tarefa de atitudes em relação aos biotipos (TA) e tarefa de confiança seletiva (TCS) será apresentada. A Tabela 3 apresenta os escores médios e desvios padrão dos participantes por país e grupo de idade em cada uma dessas tarefas.

Tabela 3

Escores médios (DP) da EIC (Escala de Imagem Corporal), TCS (Tarefa de Confiança Seletiva) e TA (Tarefa de Atitudes) agrupados por país e grupo de idade

	<i>Brasil</i>		<i>EUA</i>	
	<i>3 - 4 anos</i>	<i>4 - 5 anos</i>	<i>3 - 4 anos</i>	<i>4 - 5 anos</i>
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Escala de Imagem Corporal (EIC) (0 a 9 pontos)	3.5 (3.1)	3.3 (1.7)	3.9 (2.8)	3.6 (1.6)
Preferência Informante Magro(a) (TCS) (0 a 12 pontos)	7.0 (3.5)	8.5 (3.4)	6.9 (2.9)	6.9 (3.8)
Preferência Informante Gordo(a) (TCS) (0 a 12 pontos)	4.6 (3.5)	2.5 (3.2)	4.5 (2.9)	4.5 (3.9)
Personagem Gordo (a) Maldoso(a) (TA) (0 a 4 pontos)	1.8 (1.3)	2.6 (1.5)	2.3 (1.4)	3.4 (1.0)

Uma MANOVA preliminar, considerando os participantes dos dois países juntos, não revelou efeitos significativos de gênero em nenhuma das variáveis dependentes: escores da escala de imagem corporal, da Tarefa de Atitudes e da tarefa de confiança

seletiva (escores de preferência pelo/a informante magro/a e escores de preferência pelo/a informante gordo/a), $p_s = n.s.$ Esse teste também não demonstrou um efeito de ordem de apresentação dos informantes na tarefa de confiança seletiva $p_s = n.s.$, logo, estas variáveis foram excluídas das análises subsequentes.

Uma segunda MANOVA, com grupo de idade (3-4 anos x 4-5 anos) e país (Brasil x E.U.A.) como fatores, revelou uma diferença entre os dois países na tarefa de atitudes, com as crianças estadunidenses apresentando uma maior propensão a associar a personagem boa com a silhueta magra ($M = 2.8$) do que as crianças brasileiras ($M = 2.2$), $F(1, 91) = 6.03, p = 0.02$. Foi encontrado também um efeito de idade na tarefa de atitudes, sendo que as crianças mais velhas tiveram uma maior propensão a associar a personagem boa com a silhueta magra ($M = 2.9$) do que as crianças mais novas ($M = 2.2$), $F(1, 91) = 9.83, p < 0.01$.

Escala de imagem corporal

A escala de imagem corporal foi aplicada para que pudéssemos responder a três perguntas. A primeira pergunta diz respeito ao biotipo que as crianças acreditam possuir. A Tabela 4 apresenta o percentual de crianças agrupadas por país, com escores entre 1 e 3 (i.e., se identificam como magras), escores entre 4 e 6 (i.e., se identificam com um biotipo intermediário) e 7 e 9 (i.e., se identificam como gordas).

Tabela 4

Distribuição de frequência dos escores das crianças na EIC, separadas por país

	Magro (a)	Intermediário (a)	Gordo (a)
Brasil	53%	32,7%	14,3%
EUA	40%	44%	16%

Nota. Os valores considerados como um biotipo magro, intermediário e gordo foram definidos e fixados pela autora antes das análises.

Dentre as crianças brasileiras, a maior parte (53%) se considerou magra, ou com um biotipo intermediário (32,7%). Já entre as crianças estadunidenses, a maior parte 40% se identificou como magra (44%) ou com um biotipo intermediário. Ou seja, a maior parte das crianças das duas culturas não se identificou com um biotipo gordo.

A segunda pergunta a ser respondida é se houve um efeito cultural nas respostas das crianças a essa escala. Um teste de qui-quadrado não revelou diferenças estatisticamente significativas entre as duas culturas (i.e., brasileira e americana) $\chi^2(2, N=99) = 1.79, p = n.s.$

Por fim, a última pergunta a ser respondida com relação à escala é se existiria uma correlação entre o biotipo percebido pelas crianças e as escolhas delas na tarefa de atitudes e confiança seletiva. Para responder a essa pergunta, um teste de correlação de Pearson foi realizado. Os resultados desse teste não revelaram associações estatisticamente significativas entre os biotipos selecionados pelas crianças na escala de imagem corporal e os escores delas nas tarefas de confiança seletiva $r = 0.045, p = n.s.$, e de atitudes em relação aos biotipos, $r = 0.048, p = n.s.$

Tarefa de Atitudes em Relação aos Biotipos

Crianças pré-escolares classificam personagens gordos como malvados e os personagens magros como bondosos? A Tabela 5 apresenta o número de crianças por país que indicaram os personagens gordos e magros como maldosos em pelo menos três das quatro histórias apresentadas. A tabela também demonstra quantas crianças ora classificaram os personagens magros como maldosos e ora classificaram os personagens magros como maldosos.

Tabela 5

Distribuição de frequência dos escores das crianças na TA, separadas por país

	Magro (a) Maldoso (a)	Indecisos (as)	Gordo(a) Maldoso (a)
Brasil (n=49)	20,4%	36,7%	42,9%
EUA (n=50)	16%	24%	60%

Nota. Os escores que indicam que a criança selecionou o informante magro como maldoso, ficou indecisa, ou escolheu o gordo como maldoso foram definidos e fixados pela pesquisadora antes das análises.

Outra pergunta a ser respondida é se o desempenho das crianças nessa tarefa muda de acordo com o tipo de história (i.e., realista ou fantasiosa; personagem masculino x personagem feminino). Uma ANOVA de medidas repetidas não revelou um efeito de tipo de história, $F(3, 276) = 0,42, p = 0,74$.

Por fim, a última pergunta a ser respondida em relação à tarefa de atitudes é se existiria uma correlação entre os escores dos participantes neste instrumento e os escores deles na tarefa de confiança seletiva. Isto é, existe uma correlação entre os escores que indicam uma preferência pelo informante magro na tarefa de confiança seletiva e os escores que indicam que as crianças elencaram a personagem gorda como maldosa na tarefa de atitudes? Uma correlação de Pearson não revelou uma correlação entre esses escores, $r = -0,160, p = n.s.$

Tarefa de Confiança Seletiva

Finalmente, a tarefa de confiança seletiva foi conduzida com o objetivo de responder inicialmente se crianças pré-escolares preferem um informante gordo ou magro em uma situação nova de aprendizagem. Uma análise de distribuição de frequência foi

realizada, com a distribuição dos escores das crianças nas perguntas de preferência, nomeação e julgamento explícito (Tabela 6).

Tabela 6

Distribuição de frequência dos escores das crianças brasileiras e estadunidenses nas perguntas de preferência, nomeação e Julgamento Explícito (JE), da TCS

		Preferência Magro (a)	Indecisos (as)	Preferência Gordo (a)
Brasil	Preferência	61,2%	20,4%	18,4%
	Nomeação	55,1%	28,6%	16,3%
	JE	57,2%	26,5%	16,3%
EUA	Preferência	46%	34%	20%
	Nomeação	46%	34%	20%
	JE	40%	40%	20%

As crianças que demonstraram uma preferência clara pelos informantes magros foram aquelas que selecionaram esses informantes em 3 ou 4 das 4 tentativas de preferência, nomeação e julgamento explícito. Já as crianças que demonstraram uma preferência clara pelos informantes gordos foram aquelas que selecionaram esses informantes em 3 ou 4 tentativas de preferência, nomeação e julgamento explícito. Por fim, as crianças indecisas foram aquelas que ora preferiram o informante magro, ora preferiram o informante gordo, ou então aquelas que diziam preferir os dois informantes em algumas tentativas, ou então aquelas que falharam/ se recusaram a responder algumas tentativas.

A segunda pergunta a ser respondida é se os escores (preferência pelo informante magro x pelo informante gordo) variavam a depender da medida (preferência x nomeação x julgamento explícito). Um teste de qui-quadrado realizado com os dados das crianças brasileiras não revelou diferença estatisticamente significativa na distribuição entre as três medidas, $\chi^2(4) = 0,95$, $p = \text{n.s.}$ Esse mesmo teste realizado com as crianças estadunidenses também não se mostrou significativo, $\chi^2(4) = 0,701$, $p = \text{n.s.}$ Isto é, independentemente do tipo de pergunta, as crianças preferiram os(as) informantes magros(as).

Finalmente, uma ANOVA de medidas repetidas foi conduzida para investigar possíveis efeitos do tipo de pergunta (preferência, nomeação e julgamento explícito). O teste não revelou efeitos significativos do tipo de pergunta $F = (2, 182) = 1.91$, $p = 0.15$.

5. Discussão Geral

O objetivo geral do presente trabalho foi investigar os efeitos do biotipo de informantes na confiança seletiva de crianças estadunidenses e brasileiras de 3 a 5 anos. Os resultados aqui apresentados revelam que crianças de 3 a 5 anos dos dois países preferem aprender informações novas com informantes de biotipo magro, em detrimento de pessoas de biotipo gordo. Esses dados corroboram os achados do primeiro estudo de Jaffer e Ma (2015), que também apontam para um viés negativo de crianças pequenas em relação a corpos gordos.

A ausência de um efeito de cultura nessa tarefa era algo hipotetizado previamente, considerando a globalização. Entretanto, esperava-se que crianças mais velhas demonstrariam uma maior preferência por informantes magros(as), o que não ocorreu. Afinal, de acordo com a perspectiva de Smolak (2012) sobre o desenvolvimento da imagem corporal, crianças com idade mais próxima dos 6 anos apresentam preocupações com o peso e formato do próprio corpo semelhantes às dos adultos. Uma possível explicação para essa ausência de efeito de idade é o fato de que os participantes do presente estudo têm entre 3 e 5 anos. Será que um estudo realizado com crianças mais velhas (i.e., 6 e 7 anos) revelaria diferenças ainda maiores? Estudos futuros com essa população podem preencher essa lacuna.

Adicionalmente, como já discutido no Capítulo 3, os resultados do estudo piloto mostraram uma tendência das crianças a atribuir conhecimento ao informante com um histórico de acertos, independentemente de biotipo. Estudos futuros manipulando também o histórico de acertos dos informantes são necessários para identificar o quanto essa tendência é real.

Ainda sobre possibilidades de estudos futuros envolvendo a tarefa de confiança seletiva, pode ser citado o contrabalanceamento das cores das camisetas dos informantes como forma de garantir um maior controle experimental. Os informantes gordos (as) sempre utilizavam uma camiseta laranja e os informantes magros (as) uma camiseta amarela. Procuramos investigar sistematicamente o porquê da preferência de cada criança, entretanto algumas delas respondiam que não sabiam, ou que escolheram aquele (a) informante porque gostavam muito da cor da sua camiseta.

Como já mencionado, tentamos utilizar o software *Animaker* para criar os estímulos da tarefa de confiança seletiva. Esse software permite fazer animações em que é possível escolher e controlar todas as características dos personagens. Além desse controle experimental, ele também garante estímulos muito próximos de um desenho animado, algo atraente para crianças pré-escolares. Entretanto, até o momento do design de procedimento da presente pesquisa, o software não permitia alterar o biotipo dos informantes, pois não havia disponível nas escolhas de personagens um com biotipo gordo. Isso consiste tanto em uma limitação, quanto em um exemplo importante de como a nossa sociedade ignora a existência de pessoas gordas.

Além de investigar possíveis diferenças de idade e diferenças entre as duas culturas, um dos objetivos específicos desse trabalho era testar e descrever possíveis diferenças entre crianças que preferem um biotipo magro e crianças que preferem um biotipo gordo. Para cumprir esse objetivo, as pesquisadoras incluíram medidas de imagem corporal (escala de imagem corporal) e de atitudes em relação a biotipos diferentes (tarefa de atitudes em relação aos biotipos).

Os resultados não revelaram associação estatisticamente significativa entre os escores da escala de imagem corporal e os escores da tarefa de confiança seletiva.

Adicionalmente, esses resultados demonstraram que a maioria das crianças de 3 a 5 anos dos dois países se identificava com o biotipo magro ou intermediário, quase nunca com o biotipo gordo. Ao longo da coleta de dados, a pesquisadora notou algumas das crianças do Estudo 1 verbalizando que estavam selecionando o biotipo de acordo com a própria idade (e.g., “Eu vou escolher a número 4, porque tenho 4 anos”). Esses resultados se somam aos dados que embasam discussões acerca da dificuldade em medir a imagem corporal em crianças pré-escolares (Hayes & Tantleff-Dunn, 2010; Tiggemann & Wilson-Barrett, 1998).

Essa dificuldade das crianças pré-escolares em completar a escala de imagem corporal pode ser explicada pelas dificuldades de crianças dessa faixa-etária em tarefas que envolvem abstração. Um estudo realizado por Zelazo e Frye (1998) confirma essa afirmação. Os pesquisadores solicitaram que 197 crianças de 2 a 5 anos escolhessem dentre três cartões, dois que fossem “parecidos de algum jeito”. Os três cartões eram diferentes em alguns domínios (i.e., formato e cor) e iguais em outros (i.e., tamanho e número). As crianças de 2 anos demonstraram dificuldades na compreensão da tarefa, as de 3 revelaram muita dificuldade de abstração, enquanto as crianças de 4 e 5 anos obtiveram um melhor desempenho.

Estudos futuros, em que os desenhos da escala de imagem corporal possuam os rostos dos participantes podem ser mais efetivos em medir a imagem corporal de crianças pré-escolares. Uma outra forma de lidar com essa limitação em estudos futuros seria utilizar perguntas fechadas sobre qual é o biotipo escolhido (i.e., magro, gordo ou nem magro, nem gordo).

As mídias, os pares e os tipos de entretenimento aos quais as crianças são expostas (e.g., boneca Barbie) podem estar relacionados com um viés negativo em relação a corpos

gordos, uma baixa autoestima e imagem corporal negativa (Dittmar et al., 2006; Dohnt & Tiggemann, 2006; Rice et al., 2016; Worobey & Worobey, 2014). Mas será que existe uma associação entre os biotipos aos quais as crianças são expostas em casa e o viés delas? Por exemplo, será que uma criança com pais gordos é menos gordofóbica? Dados acerca das famílias dos participantes poderiam auxiliar a compreender as diferenças entre aqueles que preferem um biotipo magro e os que preferem um biotipo gordo. Uma limitação do presente estudo é que a pesquisadora não coletou informações sobre as pessoas que convivem com as crianças. Estudos futuros solicitando que as crianças respondam a escala de imagem corporal para seus familiares e professores, ou com questionários solicitando medidas do biotipo (e.g., IMC) dessas pessoas poderiam elucidar essa questão.

Também não foram encontradas associações entre os escores das crianças na tarefa de atitudes e na tarefa de confiança seletiva. Ao longo da tarefa de atitudes, a maior parte das crianças das duas culturas identificou as silhuetas magras como personagens bons e as gordas como personagens maus. Esses achados corroboram os resultados de Su e Aurelia (2012) que sugerem uma tendência dos participantes a atribuírem ao personagem malvado à silhueta gorda. O trabalho de Su e Aurelia (2012) foi realizado com crianças canadenses e o presente estudo demonstrou que crianças estadunidenses e brasileiras apresentam um viés semelhante. Adicionalmente, esses resultados vão ao encontro de Herbozo et al. (2004). Os autores realizaram uma análise de conteúdo de animações e livros infantis e descobriram que os vilões, ou personagens malvados eram, em sua maioria, representados com corpos gordos e descritos como pouco atraentes.

Embora as crianças brasileiras e estadunidenses tenham apresentado um viés negativo em relação a pessoas gordas na tarefa de atitudes, observamos um viés maior no

segundo grupo. Isto é, um número maior de crianças norte-americanas classificou personagens gordos como maldosos, em comparação com as crianças brasileiras, contrariando a hipótese inicial de que a globalização garantiria padrões de preferência semelhantes entre as duas culturas. Essa tendência nos resultados contraria a hipótese de que crianças com maior exposição a pessoas gordas demonstrariam um menor viés anti-gordo. Afinal, dados do World Obesity Atlas (2024) divulgado pela Federação Mundial de Obesidade (World Obesity Federation, na sigla em inglês WOF) revelam que os Estados Unidos são o terceiro país do mundo com o maior número de homens e mulheres com alto IMC (i.e., sobrepeso e obesos).

Adicionalmente, a análise de conteúdo de Herbozo et al. (2004) que revelou que personagens gordos costumam ser vilões, foi realizada com os livros mais populares da Amazon estadunidense e com uma lista do *America Film Institutes Top Movies list*. Embora com a globalização crianças brasileiras também tenham acesso a esses filmes (e.g., *A pequena sereia*), é possível que uma análise de conteúdo de livros e filmes brasileiros não apresente essa relação entre personagens maldosos e gordos, ou pouco atraentes. Até o presente momento, não há conhecimento de uma análise de conteúdo acerca dos livros, desenhos animados e produções culturais brasileiras. O que pode ser uma variável de estudo bastante importante para preencher essa lacuna do presente trabalho.

Uma tendência a um efeito de idade também foi observada na tarefa de atitudes. Em outras palavras, a classificação dos personagens gordos como maldosos aumenta à medida que a idade também aumenta. Esse achado é coerente com Smolak (2012) que descreve um salto desenvolvimental aos 6 anos em relação à imagem corporal. O presente estudo foi realizado com crianças com idades entre 3 e 5 anos. É possível que, com um

grupo de crianças mais velhas (e.g., 6 e 7 anos), essa tendência se confirme como um efeito significativo.

Não foram encontrados efeitos de gênero em nenhuma das tarefas realizadas (i.e., escala de imagem corporal, tarefa de atitudes e tarefa de confiança seletiva). Esses dados contrariam os achados de Tatangelo e Ricciardelli (2013) que revelaram uma maior preocupação de meninas de 8 a 10 anos com a estética e de meninos da mesma faixa etária com a funcionalidade do corpo. Adicionalmente, de acordo com Hoek (2006), a prevalência de transtornos alimentares entre mulheres é substancialmente maior do que entre homens. Logo, esperava-se que o viés negativo das participantes do gênero feminino em relação a corpos gordos fosse maior do que o viés dos participantes do gênero masculino. Pode ser que as meninas pré-escolares do presente estudo ainda não tenham sido completamente expostas à pressão estética exercida sobre as mulheres. O que fica evidente, no entanto, é que mais estudos quantitativos investigando a imagem corporal e atitudes em relação a biotipos em crianças e adolescentes se fazem necessários.

É importante destacar também que toda a coleta de dados foi realizada por mulheres magras. Ou seja, algumas crianças podem ter selecionado informantes magros, ou classificado eles como bondosos sob controle de desejabilidade social, por exemplo, e não necessariamente de um viés. Embora o presente estudo tenha uma amostra considerável, essa variável pode ser considerada uma limitação. Estudos futuros que envolvam experimentadores homens e mulheres, gordos e magros podem apresentar um maior controle experimental e, como consequência, uma menor chance da presença de variáveis intervenientes.

Por envolver uma comparação entre crianças de duas culturas distintas, o presente trabalho apresenta algumas limitações. A primeira delas foi a diferença na logística da

coleta de dados, que é decorrência, em grande parte, do momento em que as duas coletas foram realizadas: a primeira (EUA), tendo sido feita *online* durante a pandemia Covid-19 e a segunda (Brasil), pós-pandemia em formato presencial. Como consequência, o contexto experimental também variou: na primeira coleta, a criança tinha o auxílio dos pais e participava da própria casa e a segunda era feita individualmente, na escola, e sem o auxílio de outros adultos. Com as crianças brasileiras, a pesquisadora podia observá-las apontando para a tela diretamente, caso elas preferissem não falar as respostas. Enquanto no caso das crianças estadunidenses, a pesquisadora pedia para que o participante apontasse caso não quisesse falar, e solicitava aos pais que lhe contassem as respostas.

Outra possível variável de confusão do presente estudo é a diferença de classe social e racial entre as crianças dos dois estudos. O banco de dados da Universidade de Minnesota é alimentado com informações de contato de famílias de classe média alta. Por outro lado, a escola brasileira é uma escola pública, localizada em um bairro periférico de uma cidade do interior de São Paulo, que atende à população da região. Estudos como o de Souza, Suárez e Koenig (2021) já revelaram efeitos de nível socioeconômico no desempenho de crianças em tarefas de confiança seletiva. No entanto, o desempenho das crianças brasileiras (i.e., que supostamente são de uma classe social mais baixa) nesse tipo de tarefa se mostrou muito semelhante ao das crianças norte-americanas.

De maneira geral, o estudo transcultural e a cooperação internacional possuem vantagens importantes, como por exemplo, o acesso a um extenso banco de dados com diversos participantes, a possibilidade de gratificar os participantes com um vale-presente, o que torna a pesquisa mais atraente para as famílias, o acesso a auxiliares de pesquisa e pesquisadores desse campo de estudos ainda em fase tão preliminar no Brasil. Entretanto, a barreira do idioma vale a pena ser mencionada como limitação,

primeiramente, pela possibilidade de que o fato da coleta de dados ter sido feita, em parte, por pesquisadoras que não são falantes nativas da língua dos participantes (coleta em Minneapolis foi feita pela pesquisadora e por uma assistente de pesquisa chinesa) poder ter influenciado o comportamento e escolhas dos participantes dos E.U.A.. Enquanto a coleta de dados com crianças brasileiras foi realizada por uma falante nativa do português brasileiro. De acordo com Kinzler, Corriveau e Harris (2011) e McDonald e Ma (2016), crianças de 4 e 5 anos demonstram um viés negativo em relação a sotaques não-nativos. Embora as pesquisadoras não fossem as informantes na tarefa de confiança seletiva, estudos futuros podem levar em consideração esta variável, visando um maior controle experimental.

Em segundo lugar, o idioma e a cultura também interferiram no tempo despendido para realização das coletas de dados. Isso porque as coletas envolveram dois comitês de éticas de países diferentes, bem como cursos e treinamentos obrigatórios para pesquisas com seres humanos nos Estados Unidos e no Institute of Child Development (ICD), da University of Minnesota.

6. Considerações Finais

O presente estudo tinha como objetivo preencher algumas lacunas existentes na literatura sobre confiança seletiva. Dentre as principais perguntas de pesquisa, destacam-se as seguintes: a) Em situações novas de aprendizagem, crianças preferem um informante magro ou um informante gordo? b) Há diferença entre os padrões de preferência de crianças de grupos de idade diferentes (i.e., 3 a 4 anos e 4 a 5 anos)? Existe diferença entre os padrões de preferência de meninos e meninas? c) Mais importante, há alguma diferença entre o padrão de preferência de crianças brasileiras (i.e., latino-americanas) e crianças estadunidenses?

Pode-se dizer que todas as três primeiras perguntas foram respondidas. Os participantes dos dois grupos de idade, do gênero feminino e masculino e das duas culturas demonstraram uma preferência clara pelos informantes magros. Entretanto, mesmo com a escala de imagem corporal e tarefa de atitudes, as características que diferenciam aqueles que preferiram os informantes magros, os que fizeram escolhas mais neutras e os que preferiram os informantes gordos segue sendo uma possível pergunta de pesquisa para estudos futuros.

Adicionalmente, esperamos que para além da relevância científica, o presente estudo evidencie a temática da imagem corporal, especialmente no contexto do desenvolvimento infantil. Como foi possível observar, alguns dos vieses começam a aparecer em idade pré-escolar, o que abre espaço para intervenções com essa população visando minimizar estigmas em relação a corpos gordos e os problemas sociais decorrentes desses estigmas. Dentre eles, podem ser citados o bullying, o comer transtornado, transtornos alimentares, bullying, ansiedade, depressão e até eventos como a exclusão de exames (e.g., ENEM) e morte hospitalar, em função da falta de

equipamentos (e.g., carteiras escolares e macas) adaptados para pessoas maiores (Latner & Wilson, 2012, p.180).

7. Referências

- Bascandziev, I., & Harris, P. L. (2014). In beauty we trust: Children prefer information from more attractive informants. *British Journal of Developmental Psychology*, 32(1), 94–99. Doi: [10.1111/bjdp.12022](https://doi.org/10.1111/bjdp.12022)
- Bascandziev, I., & Harris, P. L. (2016). The beautiful and the accurate: Are children's selective trust decisions biased? *Journal of Experimental Child Psychology*, 152, 92-105. Doi: [10.1016/j.jecp.2016.06.017](https://doi.org/10.1016/j.jecp.2016.06.017)
- Butler, L. P., Schmidt, M. F. H., Tavassolie, N. S., Gibbs, H. M. (2018). Children's evaluation of verified and unverified claims. *Journal of Experimental Child Psychology*, 176, 73–83. Doi: [10.1016/j.jecp.2018.07.007](https://doi.org/10.1016/j.jecp.2018.07.007)
- Cash, T. F. (2012). Cognitive-behavioral perspectives on body image. In T.F. Cash & L. Smolak (Org.). *Body image*. New York, NY, US: Guilford Press.
- Cherney, I. D., & London, K. (2006). Gender-linked differences in the toys, television shows, computer games, and outdoor activities of 5-to 13-year-old children. *Sex roles*, 54, 717-726. Doi: [10.1007/s11199-006-9037-8](https://doi.org/10.1007/s11199-006-9037-8)
- Clément, F., Koenig, M.A., & Harris, P.L. (2004). The ontogenesis of trust. *Mind and Language*. 19(4), 360-379. Doi: [10.1111/j.0268-1064.2004.00263.x](https://doi.org/10.1111/j.0268-1064.2004.00263.x)
- Corriveau, K., & Harris, P. L. (2009). Choosing your informant: Weighing familiarity and recent accuracy. *Developmental Science*, 12(3), 426-437. Doi: [10.1111/j.1467-7687.2008.00792.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-7687.2008.00792.x)
- de Oliveira Souza, G., da Silva, S. R., Benitez, P., de Vasconcellos, E. L., Fornaciari, D. M., Domeniconi, C., & de Hollanda Souza, D. (2020). Effects of gender and body weight on children's peer choice during physical activities. *Behavior Analysis in Practice*, 13, 329-335. Doi: [10.1007/s40617-019-00350-9](https://doi.org/10.1007/s40617-019-00350-9)

- Dittmar, H., Halliwell, E., & Ive, S. (2006). Does Barbie make girls want to be thin? The effect of experimental exposure to images of dolls on the body image of 5- to 8-year-old girls. *Developmental Psychology*, 42(2), 283. Doi: doi.org/10.1037/0012-1649.42.6.1258
- Doebel, S., & Koenig, M. A. (2013). Children's use of moral behavior in selective trust: Discrimination versus learning. *Developmental Psychology*, 49(3), 462. Doi: <https://doi.org/10.1037/a0031595>
- Dohnt, H., & Tiggemann, M. (2006). The contribution of peer and media influences to the development of body satisfaction and self-esteem in young girls: a prospective study. *Developmental psychology*, 42(5), 929. Doi: <https://doi.org/10.1037/0012-1649.42.5.929>
- Fusaro, M., Corriveau, K. H., & Harris, P. L. (2011). The good, the strong, and the accurate: Preschoolers' evaluations of informant attributes. *Journal of Experimental Child Psychology*, 110(4), 561-574. Doi: [10.1016/j.jecp.2011.06.008](https://doi.org/10.1016/j.jecp.2011.06.008)
- Harris, P. L. (2012). *Trusting what you're told: How children learn from others*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 253 p.
- Hayes, S., & Tantleff-Dunn, S. (2010). Am I too fat to be a princess? Examining the effects of popular children's media on young girls' body image. *British Journal of Developmental Psychology*, 28(2), 413-426. Doi: [10.1348/026151009X424240](https://doi.org/10.1348/026151009X424240)
- Herbozo, S., Tantleff-Dunn, S., Gokee-Larose, J., & Thompson, J. K. (2004). Beauty and thinness messages in children's media: A content analysis. *Eating disorders*, 12(1), 21-34. Doi: <https://doi.org/10.1080/10640260490267742>

- Hoek, H. W. (2006). Incidence, prevalence and mortality of anorexia nervosa and other eating disorders. *Current opinion in psychiatry*, *19*(4), 389-394. Doi: [10.1097/01.yco.0000228759.95237.78](https://doi.org/10.1097/01.yco.0000228759.95237.78)
- Jaffer, S., & Ma, L. (2015). Preschoolers show less trust in physically disabled or obese informants. *Frontiers in Psychology*, *5*, 1524. Doi: [10.3389/fpsyg.2014.01524](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.01524)
- Jaswal, V. K., & Neely, L. A. (2006). Adults don't always know best: Preschoolers use past reliability over age when learning new words. *Psychological Science*, *17*(9), 757–758. Doi: [10.1111/j.1467-7687.2010.00965.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-7687.2010.00965.x)
- Kinzler, K. D., Corriveau, K. H., & Harris, P. L. (2011). Children's selective trust in native-accented speakers. *Developmental Science*, *14*(1), 106-111. Doi: [10.1111/j.1467-7687.2010.00965.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-7687.2010.00965.x)
- Koenig, M.A., Clément, F., & Harris, P.A. (2004). Trust in testimony: Children's use of true and false statements. *Psychological Science*, *15*(10), 694-698. Doi: [10.1111/j.0956-7976.2004.00742.x](https://doi.org/10.1111/j.0956-7976.2004.00742.x)
- Koenig, M. A., & Jaswal, V. K. (2011). Characterizing children's expectations about expertise and incompetence: Halo or pitchfork effects? *Child Development*, *82*(5), 1634–1647. Doi: [10.1111/j.1467-8624.2011.01618.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2011.01618.x)
- Kushnir, T., & Koenig, M. A. (2017). What I don't know won't hurt you: The relation between professed ignorance and later knowledge claims. *Developmental Psychology*, *53*(5), 826-835. Doi: [10.1037/dev0000294](https://doi.org/10.1037/dev0000294)
- Landrum, A. R., Mills, C. M., & Johnston, A. M. (2013). When do children trust the expert? Benevolence information influences children's trust more than expertise. *Developmental Science*, *16*(4), 622–638. Doi: [10.1111/desc.12059](https://doi.org/10.1111/desc.12059)

- Latner, J. D., & Wilson, R. E. (2012). Obesity and body image in adulthood. In T.F. Cash & L. Smolak (Org.). *Body image*. New York, NY, US: Guilford Press.
- Lazuka, R. F., Wick, M. R., Keel, P. K., & Harriger, J. A. (2020). Are we there yet? Progress in depicting diverse images of beauty in Instagram's body positivity movement. *Body Image*, *34*, 85-93. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2020.05.001>
- Li, Q. G., Heyman, G. D., Xu, F., & Lee, K. (2014). Young children's use of honesty as a basis for selective trust. *Journal of Experimental Child Psychology*, *117*, 59-72. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2013.09.002>
- Li, P. H., & Koenig, M. A. (2022). The roles of group membership and social exclusion in children's testimonial learning. *Journal of Experimental Child Psychology*, *216*, 105342. Doi: [10.1016/j.jecp.2021.105342](https://doi.org/10.1016/j.jecp.2021.105342)
- Li, X., & Yow, W. Q. (2018). Willingness to revise own testimony: 3- and 4-year-olds' selective trust in unexpected testimony from accurate and inaccurate informants. *Journal of Experimental Child Psychology*, *173*, 1-15. Doi: [10.1016/j.jecp.2018.03.008](https://doi.org/10.1016/j.jecp.2018.03.008)
- Lutz, D., & Keil, F. C. (2002). Early understanding of the division of cognitive labor. *Child Development*, *73*(4), 1073–1084. Doi: [10.1111/1467-8624.00458](https://doi.org/10.1111/1467-8624.00458)
- Ma, L., & Woolley, J. D. (2013). Young children's sensitivity to speaker gender when learning from others. *Journal of Cognition and Development*, *14*(1), 100-119. Doi: <https://doi.org/10.1080/15248372.2011.638687>

- McDonald, K. P. & Ma, L. (2016). Preschoolers' credulity toward misinformation from ingroup versus outgroup speakers. *Journal of Experimental Child Psychology*, *148*, 87–100. Doi: [10.1016/j.jecp.2016.03.011](https://doi.org/10.1016/j.jecp.2016.03.011)
- Messias, A. C. (2019). *Os efeitos do gênero e do histórico de informantes na confiança seletiva de crianças* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de São Carlos.
- Messias, A. C. (2021, 18 de outubro). *Convite para pesquisa em Psicologia* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=QwSMc0zcKGE>
- Myers-Burg, M. R., & Behrend, D. A. (2021). More than just accent? The role of dialect words in children's language-based social judgments. *Journal of Experimental Child Psychology*, *204*, 105055. Doi: [10.1016/j.jecp.2020.105055](https://doi.org/10.1016/j.jecp.2020.105055)
- Neumark-Sztainer, D. (2012). Obesity and body image in youth. In T.F. Cash & L. Smolak (Org.). *Body Image*. New York, NY, US: Guilford Press.
- Neumark-Sztainer, D., Wall, M., Story, M., & Sherwood, N. E. (2009). Five-year longitudinal predictive factors for disordered eating in a population-based sample of overweight adolescents: Implications for prevention and treatment. *International Journal of Eating Disorders*, *42*(7), 664-672. Doi: [10.1002/eat.20733](https://doi.org/10.1002/eat.20733)
- Oliver, M. B., & Green, S. (2001). Development of gender differences in children's responses to animated entertainment. *Sex Roles*, *45*, 67-88. Doi: [10.1023/A:1013012401836](https://doi.org/10.1023/A:1013012401836)
- Palmquist, C. M., Cheries, E. W., & DeAngelis, E. R. (2020). Looking smart: Preschoolers' judgements about knowledge based on facial appearance. *British Journal of Developmental Psychology*, *38*(1), 31-41. Doi: [10.1111/bjdp.12303](https://doi.org/10.1111/bjdp.12303)

- Pasquini, E. S., Corriveau, K. H., Koenig, M., & Harris, P. L. (2007). Preschoolers monitor the relative accuracy of informants. *Developmental Psychology*, *43*(5), 1216–1226. Doi: [10.1037/0012-1649.43.5.1216](https://doi.org/10.1037/0012-1649.43.5.1216)
- Portal, F., & Gutiérrez, F. (2005). El simbolismo de los colores: en la Antigüedad, la Edad Media y los tiempos modernos. José J. de Olañeta.
- Rakoczy, H., Hamann, K., Warneken, F., & Tomasello, M. (2010). Bigger knows better: Young children selectively learn rule games from adults rather than from peers. *British Journal of Developmental Psychology*, *28*(4), 785-798. Doi: <https://doi.org/10.1348/026151009X479178>
- Rice, K., Prichard, I., Tiggemann, M., & Slater, A. (2016). Exposure to Barbie: Effects on thin-ideal internalisation, body esteem, and body dissatisfaction among young girls. *Body Image*, *19*, 142-149. Doi: [10.1016/j.bodyim.2016.09.005](https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2016.09.005)
- Smolak, L. (2012). Body Image Development in Childhood. In T.F. Cash L. & Smolak (Org.). *Body Image*. New York, NY, US: Guilford Press.
- Souza, D. H., & Messias, A. C. (2020). Confiança seletiva em crianças pré-escolares: uma revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*, *25*. Doi: [10.4025/psicoestud.v25i0.44631](https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44631)
- Souza, D. D. H., Suárez, S., & Koenig, M. A. (2021). Selective trust and theory of mind in Brazilian children: Effects of socioeconomic background. *Journal of Cognition and Development*, *22*(2), 169-184. Doi: <https://doi.org/10.1080/15248372.2020.1867553>
- Su, W. (2008). Preschool children's perceptions of other children based on body size (Paper 943.) [Masters dissertation, Ryerson University]. Doi: <https://doi.org/10.32920/ryerson.14649612.v1>

- Su, W., & Aurelia, D. S. (2012). Preschool children's perceptions of overweight peers. *Journal of Early Childhood Research*, *10*(1), 19-31. Doi: [10.1177/1476718X11407411](https://doi.org/10.1177/1476718X11407411)
- Tang, W., Zhong, R., Xu, X., & Liu, X. (2019). Effects of facial attractiveness and information accuracy on preschoolers' selective trust. *Acta Psychologica Sinica*, *51*(1), 71. Doi: [10.3724/SP.J.1041.2019.00071](https://doi.org/10.3724/SP.J.1041.2019.00071)
- Tatangelo, G. L., & Ricciardelli, L. A. (2013). A qualitative study of preadolescent boys' and girls' body image: Gendered ideals and sociocultural influences. *Body Image*, *10*(4), 591-598. Doi: [10.1016/j.bodyim.2013.07.006](https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2013.07.006)
- Taylor, M.G. (2013). Gender influences on children's selective trust of adult testimony. *Journal of Experimental Child Psychology*, *115*(4), 672-690. Doi: [10.1016/j.jecp.2013.04.003](https://doi.org/10.1016/j.jecp.2013.04.003)
- Tiggemann, M., & Wilson-Barrett, E. (1998). Children's figure ratings: Relationship to self-esteem and negative stereotyping. *International Journal of Eating Disorders*, *23*(1), 83-88. Doi: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-108X\(199801\)23:1<83::AID-EAT10>3.0.CO;2-O](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-108X(199801)23:1<83::AID-EAT10>3.0.CO;2-O)
- Tillman, T. (2003) The perceptions of elementary school age children towards overweight peers. *Dissertation Abstracts International*, *64*: 4361.
- Terrier, N., Bernard, S., Mercier, H., & Clément, F. (2016). Visual access trumps gender in 3-and 4-year-old children's endorsement of testimony. *Journal of Experimental Child Psychology*, *146*, 223-230. Doi: doi.org/10.1016/j.jecp.2016.02.002

- VanderBorgh, M., & Jaswal, V. K. (2009). Who knows best? Preschoolers sometimes prefer child informants over adult informants. *Infant and Child Development*, 18(1), 61–71. Doi: [10.1002/icd.591](https://doi.org/10.1002/icd.591)
- Viviani, M., Messias, A.C. & de Hollanda Souza, D. The Role of Gender Stereotypes on Children’s Preferences for Animated Short Films. *Trends in Psychology* (2025). <https://doi.org/10.1007/s43076-025-00451-1>
- World Obesity Federation. World Obesity Atlas 2024. London: World Obesity Federation, 2024. <https://data.worldobesity.org/publications/?cat=22> Last accessed on 2025 Jan 31.
- Worobey, J., & Worobey, H. S. (2014). Body-size stigmatization by preschool girls: In a doll's world, it is good to be “Barbie”. *Body Image*, 11(2), 171-174. Doi: [10.1016/j.bodyim.2013.12.001](https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2013.12.001)
- Zelazo, P. D., & Frye, D. (1998). Cognitive complexity and control: II. The development of executive function in childhood. *Current directions in psychological science*, 7(4), 121-126.

Anexo A**Parecer Consubstanciado do CEP Humanos para o Projeto de Pesquisa**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Dois Pesos, Duas Medidas: Confiança Seletiva e Discriminação por Peso em Crianças Pré-escolares

Pesquisador: ANA CAROLINA MESSIAS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 28447120.8.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: [REDACTED]

Apresentação do Projeto:

O projeto está bem organizado. Apresenta contextualização teórica bem articulada do objeto de pesquisa, delinea os objetivos e a metodologia de maneira clara, prevê um cronograma racional para a execução das etapas, assim como indica a bibliografia empregada. Abaixo, o resumo do projeto:

"Mesmo crianças pequenas discriminam potenciais informantes em situações de aprendizagem novas e demonstram preferência por um deles com base em critérios que podem ser epistêmicos ou não. Resultados recentes sugerem, por exemplo, que as crianças preferem informantes mais atraentes em tarefas de confiança seletiva. No entanto, mais estudos investigando o papel de diferentes atributos físicos dos informantes precisam ser conduzidos. O presente trabalho tem como objetivo geral investigar se crianças de 3 e 4 anos utilizam o critério do biotipo dos informantes (magros ou gordos) e do seu gênero para confiar seletivamente em situações de aprendizagem novas. Dois estudos serão realizados utilizando o paradigma clássico de confiança seletiva. Durante uma fase de familiarização, as crianças assistirão a vídeos de dois informantes nomeando objetos conhecidos, já na fase teste, esses mesmos informantes rotularão objetos desconhecidos e as crianças deverão endossar um dos dois rótulos. O objetivo do primeiro estudo é investigar se as crianças preferem um informante gordo ou um informante com um histórico de acertos. Para isso, serão recrutadas 64 crianças que serão distribuídas aleatoriamente em quatro condições e assistirão a vídeos de duas informantes (i.e., uma obesa e a outra não) nomeando

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.927.496

objetos. Na primeira condição (C1), a informante obesa terá um histórico confiável e a magra não. Na segunda condição (C2), a informante magra terá um histórico confiável, enquanto a informante obesa não. Na terceira condição (C3), ambas terão históricos confiáveis e na quarta condição (C4), nenhuma possuirá um histórico confiável. O objetivo do segundo estudo é testar uma possível interação entre o biotipo dos informantes e o seu gênero sobre a confiança seletiva. Para isso, também serão recrutadas 64 crianças, que serão submetidas a uma tarefa de confiança seletiva semelhante à do Estudo 1, mas um dos informantes será do gênero masculino e o outro do gênero feminino. A pergunta a ser respondida é: quando ambos os informantes são confiáveis, que critério é mais relevante nos julgamentos das crianças: O gênero ou o biotipo do informante? Durante a fase de familiarização, ambos os informantes fornecerão nomes corretos para os objetos (os objetos permitem mais de um rótulo; e.g., casaco ou blusa de frio). Os participantes serão distribuídos em quatro condições distintas. Na primeira condição (CA), a informante do gênero feminino será gorda e o do gênero masculino magro. Na segunda condição (CB), o informante do gênero masculino será gordo e a do feminino não. Na terceira condição (CC), ambos serão gordos e na quarta condição (CD), ambos serão magros. De forma consistente com achados prévios, espera-se que as crianças do estudo 1 prefiram o informante com um histórico confiável. Entretanto, quando o histórico de confiabilidade for o mesmo, espera-se que as crianças prefiram o informante magro. A hipótese a ser testada no segundo estudo é a de que as crianças preferirão os informantes com o mesmo gênero, independentemente do biotipo".

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa está bem delimitado e adequadamente consubstanciado à problemática sobre a qual se deseja investigar. Abaixo, os objetivos elencados no projeto:

"Objetivo Primário:

Objetivo Primário Estudo 1: O objetivo desse estudo é testar possíveis efeitos do biotipo dos informantes e do seu histórico de confiabilidade na confiança seletiva de crianças. Os participantes serão distribuídos em quatro condições diferentes. Na primeira condição (C1), a informante gorda acertará os nomes de todos os objetos na fase de familiarização, enquanto a informante magra rotulará esses artefatos incorretamente. Na segunda condição (C2), a informante gorda errará todos os rótulos, enquanto a magra nomeará corretamente os objetos. Na terceira condição (C3), as duas informantes fornecerão rótulos corretos, porém distintos para os objetos (e.g., casaco x blusa de frio). Finalmente, na quarta condição (C4), ambas as informantes rotularão os objetos incorretamente. Objetivo Primário estudo 2: O objetivo desse segundo estudo será testar possíveis efeitos do gênero e biotipo dos informantes sobre a confiança seletiva de crianças brasileiras. No

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.927.496

segundo estudo, os participantes também serão distribuídos aleatoriamente em quatro condições diferentes das do primeiro. Na primeira condição (CA), a informante do gênero feminino será gorda e o informante do gênero masculino magro. Já na segunda condição (CB), a informante do gênero feminino será magra e o do gênero masculino gordo. Na terceira condição (CC), ambos os informantes serão gordos. E finalmente, na quarta condição (CD), ambos os informantes serão magros. Ao longo da fase de familiarização, os dois informantes apresentarão um histórico de acertos.

Objetivo Secundário:

O objetivo secundário é comum aos dois estudos. Esse objetivo é testar, em cada estudo, possíveis diferenças entre os dois grupos de idade recrutados (3 e 4 anos)*.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram identificados os seguintes riscos: cansaço, inibição e tédio. Não foram especificadas medidas de cautela. A providência a ser tomada em tais casos será a de interromper o procedimento. Como benefício, foi descrito o desenvolvimento do campo de pesquisa em que se insere o projeto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante na medida em que visa identificar se o processo de aquisição de conhecimento de crianças de 3 a 4 anos é modulado de acordo com critérios físicos dos professores. A proposta de pesquisa busca preencher lacuna identificada na literatura pertinente ao tema, e a metodologia é cientificamente rigorosa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão bem escritos e bem adaptados ao público-alvo. Todas as pendências foram sanadas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que todas as pendências foram sanadas, recomendo aprovação deste projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P	05/03/2020		Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.927.496

Básicas do Projeto	ETO_1432705.pdf	10:31:46		Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_3832039.pdf	05/03/2020 10:30:27	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
Outros	Oficio_SecretariaDaEducacao_Pt2.pdf	05/03/2020 10:29:11	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
Outros	Oficio_SecretariaDaEducacao_Pt1.pdf	05/03/2020 10:28:18	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
Outros	CartaAutorizacaoKeppe.pdf	05/03/2020 10:27:11	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
Outros	CartaEsclarecimento.pdf	05/03/2020 10:19:38	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Doutorado_Versao2.pdf	05/03/2020 10:17:44	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Doutorado_Versao2.pdf	05/03/2020 10:17:21	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
Cronograma	Cronograma_Trabalho_Final.pdf	24/01/2020 17:48:22	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Doutorado_Final.pdf	22/01/2020 15:56:39	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto.pdf	13/01/2020 09:41:02	ANA CAROLINA MESSIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 21 de Março de 2020

Assinado por:
ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

Anexo B

**Vinhetas completas das histórias originais (Inglês – EUA) da tarefa de atitudes e a
tradução (Português – Brasil)**

Four stories and questions (Tillman, 2003)

Nota de esclarecimento: Para as escolhas foram apresentadas imagens com duas silhuetas em cada história (i.e., uma magra e uma gorda).

Story 1: Male, Fantasy

John and Matt were walking alone in the forest. Matt said to John, "If you got lost, I would come and find you". But John replied, "Well if you got lost, I'd go home and leave you all alone in the woods".

- a) Which of these two boys is Matt, the nice one who said he would help his friend get out of the woods?
- b) Which of these two boys is John, the mean one who said he would leave his friend in the woods?

Story 2: Male, Realistic

The teacher has left the room. Before leaving, she asked all of the children to color their books quietly while she was gone. But Tom kept disturbing David by making loud noises.

- a) Which of these two boys is David, the nice one who kept quiet?
- b) Which of these two boys is Tom, the mean one who was making loud noises?

Story 3: Female, Fantasy

Caroline and Sara were watching the circus. After the show they were both allowed to ride on top of the elephant. Sara nicely told Caroline to go ride the elephant first. But Caroline selfishly said, "I'm going to ride the elephant the whole time and you can't go at all".

- a) Which of these two girls is Sara, the nice one who said she'd ride the elephant last?
- b) Which of these two girls is Caroline, the mean one who said she was going to ride the elephant the whole time?

Story 4: Female, Realistic

Amy and Laura went outside at the playground. Amy was very kind and let Laura use her favorite red bouncy ball. At the end of the outdoor time Amy said, "Could I have my ball back?" Laura said, "No" and dropped the ball into a puddle of mud.

- a) Which of these two girls is Amy, the nice one who gave her ball to someone else?
- b) Which of these two girls is Laura, the mean one who threw the ball in the mud?

Quatro histórias e perguntas (Tillman, 2003)

História 1: Meninos, Fantasia

João e Matheus estavam andando sozinhos pela floresta. Matheus disse a João: "Se você se perdesse, eu ficaria aqui na floresta, tentando te encontrar". Mas o João respondeu: Bom, se você se perdesse, eu iria pra casa e te deixaria sozinho na floresta.

- a) Qual desses dois meninos é o Matheus, o bonzinho que disse que ajudaria seu amigo sair da floresta?
- b) Qual desses dois meninos é o João, o maldoso que disse que deixaria o amigo na floresta?

História 2: Meninos, Realista

A professora saiu da sala. Antes de sair, ela pediu para que todas as crianças permanecessem quietas pintando seus desenhos. Mas Tomás ficou perturbando Davi fazendo muito barulho.

8. Qual desses dois meninos é o Davi, o bonzinho que ficou quietinho?
9. Qual desses dois meninos é o Tomás, o maldoso que ficou fazendo muito barulho?

História 3: Meninas, Fantasia

Camila e Sara estavam no circo. Quando o espetáculo acabou, o dono do circo disse que elas poderiam subir no elefante para andar um pouco. A Sara disse bondosamente que a Camila poderia andar no elefante primeiro. Mas a Camila, muito egoísta, disse: “Eu vou andar no elefante o tempo todo e você não”.

- a) Qual dessas duas meninas é a Sara, a boazinha que disse que poderia andar no elefante por último?
- b) Qual dessas duas meninas é a Camila, a maldosa que disse que andaria no elefante o tempo todo?

História 4: Meninas, Realista

Ana e Laura foram brincar no parquinho, do lado de fora. A Ana foi muito legal e emprestou sua bola vermelha para a Laura. Quando a professora chamou as duas para voltar para a sala, a Ana disse: “Laura, você pode devolver a minha bola?”. Laura disse: “Não” e jogou a bola numa poça de lama.

- a) Qual dessas duas meninas é a Ana, a boazinha que emprestou sua bola para a colega?

b) Qual dessas duas meninas é a Laura, a maldosa, que jogou a bola na lama?

Anexo C

Aprovação do Institutional Review Board (IRB)

UNIVERSITY OF MINNESOTA

Twin Cities Campus


Human Research Protection Program
Office of the Vice President for Research

Room 350-2
McNamara Alumni Center
200 Oak Street S.E.
Minneapolis, MN 55455
612-626-5654
irb@umn.edu
<https://research.umn.edu/units/irb>

APPROVAL OF NEW STUDY

March 25, 2022

Melissa Koenig


mkoenig@umn.edu

Dear Melissa Koenig:

On 3/17/2022, the IRB reviewed the following submission:

Type of Review:	Initial Study
Title of Study:	Effects of Body Type in Children's Selective Trust
Investigator:	Melissa Koenig
IRB ID:	STUDY00015299
Sponsored Funding:	None
Grant ID/Con Number:	None
Internal UMN Funding:	Internal grant program (e.g. OVPR, Cancer Center, Provost, AHC, GPS Alliance, IonE, IAS, or other) : This research is supported by the Internal University Of Minnesota Funds
Fund Management Outside University:	None
IND, IDE, or HDE:	None
Documents Reviewed with this Submission:	<ul style="list-style-type: none"> • Selective Trust and Body Type Email Template, Category: Recruitment Materials; • Selective Trust and Body Type Protocol, Category: IRB Protocol; • Selective Trust and Body Type Consent Form, Category: Consent Form

The IRB determined that the criteria for approval have been met and that this study involves no greater than minimal risk.

Driven to DiscoverSM

This study was approved under Expedited Category(ies):

- (6) Collection of data from voice, video, digital, or image recordings made for research purposes.
- (7) Research on individual or group characteristics or behavior or research employing survey, interview, oral history, focus group, program evaluation, human factors evaluation, or quality assurance methodologies.

The IRB also made the following determinations for this study:

- This research has been approved to include children (individuals under 18 years of age) under 21 CFR 50.51/45 CFR 46.404 because the IRB finds that no greater than minimal risk to children is presented and that adequate provisions are made for soliciting the assent of the children and the permission of their parents or guardians. Those provisions include: Permission of one parent; assent of child.

This study does not require continuing review. The revised Common Rule (2018 Rule) eliminated continuing review for most minimal risk research approved on or after January 21, 2019. However, the elimination of continuing review does not eliminate reporting requirements or submission of modifications for IRB review and approval. Information about 2018 Rule requirements and investigator responsibilities can be found in the Investigator Manual (HRP-103).

If consent forms or recruitment materials were approved, those are located under the Final column in the Documents tab in the ETHOS study workspace.

In conducting this study, you are required to follow the requirements listed in the Investigator Manual (HRP-103), which can be found by navigating to the [HRPP Toolkit Library](#) on the IRB website.

For grant certification purposes, you will need the approval and last day of approval dates listed above and the Assurance of Compliance number which is FWA00000312 (Fairview Health Systems Research FWA00000325, Gillette Children's Specialty Healthcare FWA00004003).







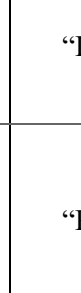

Sincerely,

Clinton Dietrich, MA, CIP
Senior IRB Analyst

We strive to provide clear, consistent, and timely service to maintain a culture of respect, beneficence, and justice in research. [Complete a brief survey](#) about your experience.

Apêndice A**Tabelas com os objetos e rótulos do Estudo Transcultural (Brasil e Estados Unidos)**

Tabela*Objetos e rótulos dos estudos 1 e 2*

País		Objetos	Informante Gordo (a)	Informante Magro (a)
Brasil	Tentativa 1		“Tuma”	“Danú”
	Tentativa 2		“Mado”	“Tégo”
	Tentativa 3		“Bêda”	“Láqui”
	Tentativa 4		“Zédi”	“Poquí”
EUA	Tentativa 1		“Toma”	“Modi”
	Tentativa 2		“Dax”	“Wug”
	Tentativa 3		“Zazz”	“Slod”
	Tentativa 4		“Joob”	“Lig”

Apêndice B

Perguntas de Triagem para Crianças Estadunidenses

(Screening Questions)

Screening Questions

1. Are any languages other than English spoken in your home?

If yes: Which language does your child hear the most often? Does s/he speak another language?

If children don't hear or speak English fluently, we will explain that the task demands of the study require the children to speak and understand English.

2. Does your child have any developmental or language delay?

If yes, we will explain that the current study is for children within the typical range of language and development.

Apêndice C

Termo de consentimento (EUA)

(Consent form)

Consent Form

Title of Research Study: Effects of Body Type in Children's Selective Trust

Investigator Team Contact (icd/research/elel/projects.html)

For questions about research appointments, the research study, research results, or other concerns, call the study team at:

<p>Investigator Name: Dr. Melissa Koenig</p> <p>Investigator Departmental Affiliation: Director of the Early Language and Experience Lab</p> <p>Phone Number: [REDACTED]</p> <p>Email Address: mkoenig@umn.edu</p>	<p>Student Investigator Name: Ana Carolina Messias</p> <p>Phone Number: 612-472-2774</p> <p>Email Address: amessias@umn.edu</p>
---	---

Supported By: This research is supported by the Internal University of Minnesota Funds

Key Information About This Research Study

The following is a short summary to help you decide whether or not to be a part of this research study. More detailed information is listed later on in this form.

What is research?

The goal of research is to learn new things in order to help people in the future. Investigators learn things by following the same plan with a number of participants, so they do not usually make changes to the plan for individual research participants. You, as an individual, may or may not be helped by volunteering for a research study.

Why am I being invited to take part in this research study?

We are asking you and your child to take part in this research study because your child is a typically developing, English-speaker, preschooler (age 3 to 4). We found your contact information in a list of people interested in participating in Child Development studies.

What should I know about a research study?

Someone will explain this research study to you.

Whether or not you take part is up to you.

You can choose not to take part.

You can agree to take part and later change your mind.

Your decision will not be held against you.

You can ask all the questions you want before you decide.

Why is this research being done?

In novel learning situations, children are not naive, as some people may think. They select the best possible informant based on different criteria such as reliability, expertise, attractiveness, age group, etc. In this research, we are interested in finding out if children consider the body type a relevant feature when deciding whom to trust in novel learning situations. Do they prefer an informant who meets beauty standards or a reliable one? Furthermore, when two informants have the same history, do children prefer a small or a large informant? This research can produce novel knowledge about selective trust and

body type stigmas, possibly supporting future intervention focused on reducing those stigmas and their consequences (negative body image, low self-esteem, unhealthy weight control behaviors, and depression).

How long will the research last?

We expect you to be in this research study for 27 to 40 minutes. Ten minutes for “warm-up” and consent process, 2 - 5 minutes for the Body Type Scale, the Body Type Attitudes task can last 5 - 10 minutes and the selective trust task 10 - 15 minutes.

What will I need to do to participate?

We will videoconference you and your child, and at first show your child nine silhouettes (that vary in body size) and ask which one the child thinks looks the most like him/ her. Then we will tell your child four different stories with a good and bad character. After each story, we will show him/ her two different silhouettes and ask which one they think is the good character and which one is the bad. Finally, your child will watch videos of two people (a small and a large one). We will ask your child to choose one of the two people to learn from during this third task.

More detailed information about the study procedures can be found under “What happens if I say yes, I want to be in this research?”

Is there any way that being in this study could be bad for me?

The risks involved in this study are no different from the ones your child may find in everyday life. Children may feel tired, bored, or frustrated during the session if they find the tasks challenging. Also, because online meetings are unfamiliar or reasonably new to most children, they may feel uncomfortable or nervous when engaging with the

researcher. However, children who participated in this type of study in the past were engaged and demonstrated to enjoy it.

The researcher will provide positive feedback to children during the session. Even so, if your child wants to interrupt the session or no longer wants to participate in the study, the researcher will immediately interrupt the session or the participation. Also, if the researcher senses that the participant feels tired, bored, or frustrated the session will be terminated.

Parents are welcome to stay next to the child during the session for support. However, the participant must interact with our researchers without any input from the parents! Sometimes if the child is slow to respond, the parent may want to chime in but should otherwise avoid talking, pointing, or asking questions during the session. The researcher will be happy to answer any questions after the study is over.

The sessions will be recorded for reliability coding purposes. The videos will be stored in a secure server under an ID number so your child will not be identified. Only trained and authorized researchers will have access to the videos. If you are not comfortable with your child being videotaped, only data recorded on paper will be collected.

What happens if I do not want to be in this research?

If you or your child do not want to participate in this research, it will not be held against you or affect your relationship with the University of Minnesota. Also, if you decide to participate and change your mind, you may give up without any harm, and the data collected will not be included in the research.

Detailed Information About This Research Study

The following is more detailed information about this study in addition to the information listed above.

How many people will be studied?

We expect about 64 people here will be in this research study.

What happens if I say “Yes, I want to be in this research”?

The researcher will videoconference you at a previously scheduled time convenient for you and your child. After a brief presentation and some instructions to the parents, the study will begin. First, your child will participate in a body type scale in which we will show him/ her nine silhouettes that will vary in body size and ask them - Which one of these looks like you the most? The second task will be the body type attitudes task, in which we are going to tell four stories to your child with two characters each (a good and a mean one). After each story, we will show your child two different silhouettes and ask them which one is the good character and which one is the bad character. Finally, the selective trust task will begin. For this task, your child will watch videos of a small person (wearing a black t-shirt) and a large person (wearing a white t-shirt) labeling well-known and unknown objects. When labeling unknown objects, your child will be instructed to choose one of the informants to ask for help and endorse one of the labels for each object. At the end of the selective trust task, your child will answer the following questions about the informants: a) Was the one in the white t-shirt good or not good at answering the questions? b) Was the one in the black t-shirt good or not good at answering the questions? c) Who was better at answering the questions, the one in the white t-shirt or the one in the black t-shirt?

What happens if I say “Yes”, but I change my mind later?

Choosing not to be in this study or to stop being in this study will not result in any penalty to you or your child. That is, your choice not to be in this study will not negatively affect your relationship with the University of Minnesota, your right to the thank you gift, or your right to remain on the list of contacts for future research, if you want to.

Will it cost me anything to participate in this research study?

Taking part in this research will not result in any costs to you or your child.

What happens to the information collected for the research?

All of the information and videos collected during this research will remain confidential. Efforts will be made to limit the use and disclosure of your personal information to researchers involved in this study and people who need to review this information. We may publish the results of this research. However, we will keep your name and other identifying information confidential. All of the records and information will be stored safely and destroyed once the research is over. We cannot promise complete confidentiality. Organizations that may inspect and copy your information include the Institutional Review Board (IRB), the committee that provides ethical and regulatory oversight of research, and other representatives of this institution, including those responsible for monitoring or ensuring compliance.

Whom do I contact if I have questions, concerns or feedback about my experience?

This research has been reviewed and approved by an IRB within the Human Research Protections Program (HRPP). To share feedback privately with the HRPP about your research experience, call the Research Participants’ Advocate Line at 612-625-1650 (Toll

Free: 1-888-224-8636) or go to z.umn.edu/participants. You are encouraged to contact the HRPP if:

- Your questions, concerns, or complaints are not being answered by the research team.
- You cannot reach the research team.
- You want to talk to someone besides the research team.
- You have questions about your rights as a research participant.
- You want to get information or provide input about this research.

Will I have a chance to provide feedback after the study is over?

The HRPP may ask you to complete a survey that asks about your experience as a research participant. You do not have to complete the survey if you do not want to. If you do choose to complete the survey, your responses will be anonymous.

If you are not asked to complete a survey, but you would like to share feedback, please contact the study team or the HRPP. See the “Investigator Contact Information” of this form for study team contact information and “Whom do I contact if I have questions, concerns or feedback about my experience?” of this form for HRPP contact information.

Will I be compensated for my participation?

We will email you a 5-10 dollars amazon or target gift card as a “thank you” for your participation.

Signature Page

Signature of Person Obtaining Consent	Date

Printed Name of Person Obtaining Consent

Date

Information: Early Language and Experience Lab <http://www.cehd.umn.edu/>

Apêndice D

Carta aos pais e termo de consentimento (Brasil)

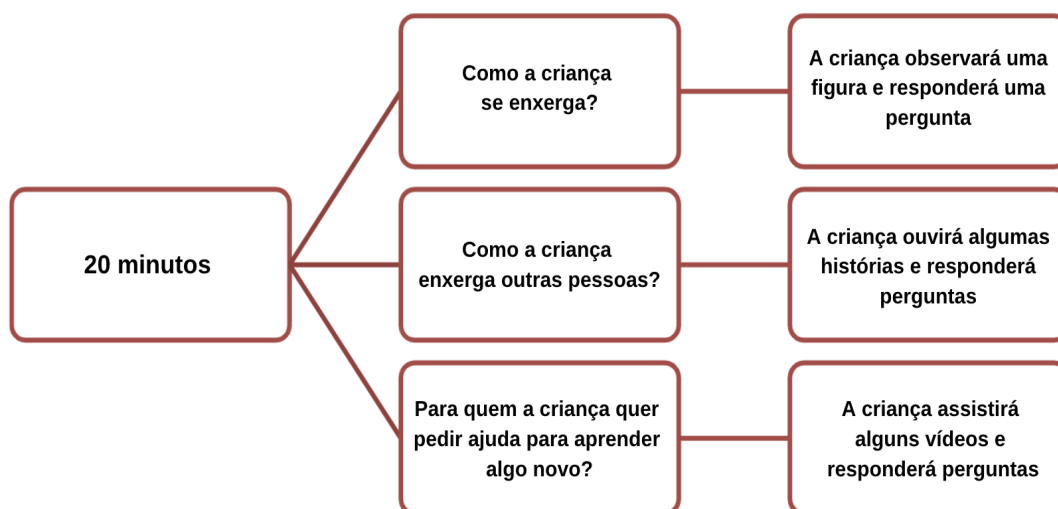
Carta aos Pais

Queridos Pais

Você gostaria que seu filho participasse de uma pesquisa muito legal?

Eu estou fazendo um estudo para descobrir com quem as crianças preferem aprender novas informações. Pessoas magras ou gordas?

Seu filho participará de 3 tarefas curtas:



Atrás dessa folha, você encontrará um Termo de Consentimento. Se você concordar que seu filho participe da minha pesquisa, assine e entregue para mim, ou para o professor(a).

Obrigada!



Ana Carolina Messias

Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento
Universidade Federal de São Carlos
(16) 991895675

E-mail: anacarolinamessias@estudante.ufscar.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Seu (sua) filho (a) está convidado (a) a participar da pesquisa *“Dois Pesos, Duas Medidas: Confiança Seletiva e Discriminação por Peso em Crianças Pré-escolares”*.
2. Seu (sua) filho (a) foi selecionado (a) como possível participante neste estudo porque ele (ela) está em uma idade que é de interesse para o estudo em questão. A participação de seu (sua) filho (a) não é obrigatória.
3. A qualquer momento, você e seu (sua) filho (a) podem desistir de participar e retirar seu consentimento. Garante-se, também, o direito de você ou seu(sua) filho(a) se recusarem a responder alguma pergunta ou participarem de alguma atividade prevista na pesquisa.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador, ou com a Universidade Federal de São Carlos.
5. O objetivo desta pesquisa é investigar possíveis efeitos do biotipo e do gênero de um informante nas decisões de crianças sobre em quem devem confiar, em particular, em uma situação de aprendizagem nova. Em outras palavras, queremos investigar qual o biotipo (magro ou gordo) dos informantes é preferido pelas crianças quando precisam obter informações de alguém para resolver um problema. A coleta de dados consiste em uma tarefa de confiança seletiva padrão (utilizada em muitas outras pesquisas na área), na apresentação de histórias que avaliam as atitudes da criança em relação aos diferentes biotipos (gordo e magro) e na aplicação de uma escala de imagem corporal. Essas atividades provavelmente serão realizadas em uma única sessão com o seu filho de aproximadamente 20 minutos.
6. As tarefas e brincadeiras serão feitas na própria escola de seu (sua) filho (a).
7. Os únicos riscos de natureza psicológica, para o(a) seu(sua) filho(a) são: cansaço, inibição para participar do estudo ou, durante o procedimento, sentir-se entediado. Se a pesquisa ocasionar qualquer um desses incômodos, o procedimento será interrompido. Não haverá qualquer forma de prejuízo ou represália. Caso ocorra qualquer problema não previsto, a pesquisadora entrará em contato com um profissional competente para melhor encaminhamento. A pesquisadora acompanhará toda a coleta de dados, estando presente a todo o momento.
8. Essa pesquisa não prevê nenhuma despesa para os participantes, pois ocorrerá na própria escola das crianças, em horário letivo, ou então no ambiente virtual, com materiais fornecidos pela pesquisadora.
9. Não há nenhum benefício direto para você e seu (sua) filho (a), mas os pais de crianças que fizeram parte de outras pesquisas relatam que a participação representa uma oportunidade de contribuir para a pesquisa sobre desenvolvimento infantil e os ajuda a aprender mais sobre seus filhos.
10. Após a coleta e análise dos dados, você terá acesso aos resultados da pesquisa por meio de uma carta devolutiva.
11. A sessão com seu (sua) filho (a) será gravada para que as pesquisadoras envolvidas no projeto possam, mais tarde, rever a sessão e registrar devidamente as respostas de cada criança. Os seus dados e os dados sobre seu (sua) filho (a) são confidenciais e serão mantidos em sigilo pelos responsáveis por este projeto, podendo ser disponibilizados a você caso seja do seu interesse.
12. O nome verdadeiro dos participantes não será divulgado pelas pesquisadoras, garantindo, assim, o anonimato dos mesmos.

13. Você receberá uma cópia deste termo, onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto, a sua participação e a de seu(sua) filho(a), agora ou a qualquer momento. Enfatiza-se a importância de guardar uma cópia deste arquivo. Você poderá ter acesso ao registro do seu consentimento sempre que solicitar à Pesquisadora.



Ana Carolina Messias
(16) 991895675
anacarolinamessias@estudante.ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação de meu (minha) filho (a) na pesquisa e concordo que ele (a) participe. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP UFSCar), que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@power.ufscar.br. Os CEP são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP tem por finalidade cumprir e fazer cumprir as determinações das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, assim como de outras Resoluções e Normativas para casos específicos, no que diz respeito aos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, tendo como referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros. Todo projeto de pesquisa com Seres Humanos deve passar por apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa e somente poderá ser iniciado após sua aprovação.

São Carlos, _____ de _____ 2020.

Caso tenha CONCORDADO em participar, apresente os dados solicitados a seguir:

[Os dados informados neste Termo são confidenciais.]

Nome da Criança:

Data de Nascimento:

Nome do Responsável:

Grau de parentesco com a criança:

Whats-app:

Obrigada!

